

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

VIVIANE SOBRAL RIBAS DA ROCHA

A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO EM TIRAS

Porto Alegre
2006

VIVIANE SOBRAL RIBAS DA ROCHA

A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO EM TIRAS

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Letras, na
área de concentração de Linguística Aplicada.

Orientadora: Dr. Leci Borges Barbisan

Porto Alegre

2006

VIVIANE SOBRAL RIBAS DA ROCHA

A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO EM TIRAS

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Letras, na
área de concentração de Lingüística Aplicada.

Aprovada em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr. Leci Borges Barbisan - Orientadora PUCRS

Prof^a Dr. Sílvia Costa Kurtz dos Santos - UFPEL

Prof^a Dr Regina Kohlrausch - PUCRS

Aos meus dois amores: meu marido e
meu filho, pelo amor, compreensão e
apoio que me deram.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, amigo e colega Everson Ribas, pelo amor, pelo incentivo, pelo apoio e pelas contribuições durante todos os momentos em que estamos juntos.

Ao meu amado filho, Everson Sobral, pelo amor, pelo apoio e pela compreensão sempre.

Aos meus familiares, pelo apoio e pelo carinho que sempre me deram.

À querida professora Leci, que me ensinou a compreender a linguagem de forma tão clara e tão bela, que guiou os meus passos e que me motivou a mergulhar no fantástico mundo dos quadrinhos, a minha eterna gratidão.

À minha querida amiga Josi, companheira de todas as horas, pelo carinho e pela disposição em ajudar em qualquer momento.

Aos colegas do grupo de pesquisa, que compartilharam das investigações sobre o funcionamento da linguagem, pela amizade e pelas palavras incentivadoras.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras pelo incentivo à Pesquisa.

Ao CNPq pela bolsa de estudos concedida.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar como se constrói o sentido em tiras numa perspectiva argumentativa. Para tanto, são utilizados conceitos fundamentais da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Oswald Ducrot e Jean Claude Anscombre, mais precisamente no que se refere ao seu terceiro e atual momento: a Teoria dos Blocos Semânticos, que tem a colaboração de Marion Carel. Essa teoria preconiza o estudo do funcionamento da linguagem em uso possibilitando a compreensão do sentido no discurso, por isso a escolhemos para embasar este trabalho.

Palavras-chave: tiras – argumentação – discurso

RÉSUMÉ

Cette recherche a pour but de vérifier comment est construit le sens dans des bandes dessinées à partir d'une théorie argumentative. Pour cela sont utilisés les principes sur lesquels se fonde la Théorie de l'Argumentation dans la Langue (TAL) créée par Oswald Ducrot et Jean-Claude Anscombre. Nous prenons les écrits actuels qui constituent la Théorie des Blocs Sémantiques, produits avec la collaboration de Marion Carel. Comme cette théorie s'occupe du fonctionnement du langage lorsqu'il est employé par un locuteur permettant donc la compréhension du sens du discours, nous l'avons choisie comme fondement de notre travail.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	13
1.1 GÊNEROS TEXTUAIS	13
1.2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E TIRAS	15
1.3 TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA	19
1.3.1 Raízes Estruturalista e Enunciativa da Teoria da Argumentação na Língua	19
1.3.2 Conceitos Fundamentais	23
1.3.3 Os dois primeiros momentos da Teoria - <i>Forma Standard</i> e <i>Polifonia e Topos</i>	25
1.3.3.1 <i>Forma Standard</i> - 1º momento	25
1.3.3.2 Polifonia e Topos - 2º momento	28
1.3.4 A Teoria Dos Blocos Semânticos	32
2 METODOLOGIA E ANÁLISE	38
2.1 METODOLOGIA	38
2.2 ANÁLISE	39
2.2.1 Análise 1	39
2.2.2 Análise 2	43
2.2.3 Análise 3	47
2.2.4 Análise 4	50
2.2.5 Análise 5	55
2.2.6 Análise 6	59
2.2.7 Análise 7	62
2.2.8 Análise 8	66
2.2.9 Análise 9	70
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	80
ANEXOS	83
ANEXO A – CURRÍCULO LATTES	84

INTRODUÇÃO

O estudo da linguagem e seu funcionamento nos faz refletir sobre o quão importante é a noção de relação entre as palavras. É essa relação que nos dá subsídios para que possamos compreender o sentido no discurso, por isso entendemos que o funcionamento da linguagem tem grande importância para o ensino da leitura. É aprendendo a “combinar”, a relacionar as palavras para construir sentido que os alunos poderão ter um melhor desenvolvimento na leitura e na produção de textos.

Entende-se aqui por leitura de um texto a compreensão do sentido construído a partir da relação entre argumentos e conclusões. Ler, então, é descobrir e entender as indicações inseridas no texto para construir o seu sentido.

Analisar a leitura sob um enfoque argumentativo implica ver a linguagem em seu aspecto discursivo. O sentido, nessa abordagem, é construído durante a leitura, abrangendo o uso da língua em diferentes situações sócio comunicativas, ou seja, é a partir das relações entre locutor, as palavras do texto e a situação de uso que chegamos ao sentido do discurso. É a partir desse aspecto discursivo que se objetiva, neste trabalho, analisar tiras.

Segundo Bakhtin (1992), a relação dialógica, presente em tiras, enfoca a interação entre sujeitos que, mediados pela linguagem, produzem discursos, tornando-se, desse modo, parceiros de um ato comunicativo.

As tiras são consideradas um material acessível, rico em aspectos lingüísticos e que contemplam a linguagem em uso. Como são textos que associam imagens e humor, tornam-se interessantes para os alunos, por isso são muito utilizadas no ensino da leitura e da produção de textos.

A recomendação para que as escolas sirvam-se desse tipo de material consta do volume dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) dedicado ao ensino da Língua Portuguesa tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio. Isso

justifica, também, a grande utilização das tiras ao lado de obras literárias, vídeos, músicas e em livros didáticos.

O que se observa, entretanto, é que o trabalho realizado, na maioria dos livros didáticos, não contempla o funcionamento da linguagem, ficando freqüentemente restrito a análises gramaticais, não abordando, assim, a construção do sentido.

Assim, por acreditarmos que exista uma carência de trabalhos que investiguem esse funcionamento da linguagem nas tiras, optamos por fazer uma tentativa de uma nova abordagem, partindo de um olhar argumentativo¹.

A argumentação tem sido estudada por diferentes lingüistas que se ocupam em explicar o funcionamento da linguagem, dentre eles Oswald Ducrot (1988). O autor, com sua Semântica Argumentativa, parte de princípios estruturalistas, como de língua/fala e de relação², ampliando-os e transformando-os para mostrar que a argumentação está na própria língua.

Os estudos da teoria argumentativa desenvolvem-se em três momentos: no primeiro momento, a forma *Standard*; no segundo, a polifonia e *topos* e no terceiro e atual momento, a Teoria dos Blocos Semânticos, a qual, em 1992, passou a receber contribuições de Marion Carel.

Com o intuito de verificar como se constrói o sentido em tiras, escolhemos, para nortear nossa análise, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), vinculada à Teoria da Argumentação na língua (TAL) (Ducrot, 1988), pois acreditamos que essa teoria fornece subsídios para a compreensão do funcionamento da linguagem. Para fins de análise, utilizaremos os conceitos de locutor, polifonia, enunciadores, pontos de vista, argumentação interna, aspectos normativo e transgressivo, bloco semântico e encadeamentos argumentativos.

Várias pesquisas, desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, contemplaram a aplicação da teoria argumentativa de Ducrot à análise

¹ Neste trabalho, analisaremos apenas tiras.

² Estes conceitos serão explanados ao longo do capítulo 2.

de textos. Dentre elas, está a tese de Graeff (2001), na qual a autora investiga as unidades semânticas básicas que permanecem no resumo de textos analisados, tendo como base de seus estudos a Teoria dos Blocos Semânticos.

Outra pesquisa é de Matsumura (2003), em que os conceitos do segundo momento da teoria argumentativa (Teoria da Polifonia) são utilizados para constatar a sua aplicabilidade à atividade de resumir textos. A autora conclui, em seu trabalho, que, ao ler um texto, o locutor assume certos pontos de vista e o leitor, ao fazer o resumo do texto lido, os mantém.

Com a sua Tese de Doutorado, Azevedo (2003) também contribui para os estudos da teoria argumentativa. A autora faz uma reflexão sobre os conceitos que norteiam o segundo e o terceiro momentos da teoria (Teoria da Polifonia e Teoria dos Blocos Semânticos), expandindo seus mecanismos, com o intuito de construir um modelo teórico que possibilite a descrição do sentido no discurso.

A dissertação de Silveira (2004) também está entre as pesquisas que utilizaram a teoria argumentativa. Em seu trabalho, a autora faz menção à possibilidade de se articular teoria e aplicação a partir de uma proposta metodológica de análise de textos, tendo como base os conceitos do segundo e do terceiro momentos da Teoria da Argumentação na Língua (Teoria da Polifonia e Teoria dos Blocos Semânticos). Num primeiro momento, Silveira apresenta algumas estratégias de abordagem de discursos argumentativos; num segundo momento, a autora apresenta uma transposição da teoria para uma linguagem acessível aos professores, os quais, segundo ela, apresentaram interesse em conhecer e utilizar a teoria com os alunos.

Outra importante pesquisa que utiliza os conceitos da teoria argumentativa é a dissertação de Santos (2005), na qual a autora serve-se dos conceitos da Teoria da Polifonia e de alguns conceitos da Teoria dos Blocos Semânticos, como os encadeamentos em *donc* e *pourtant*, para analisar como se constrói a argumentação no discurso, propondo uma descrição do movimento argumentativo em discursos de gêneros diversos.

Maurer (2005) também inclui seu estudo nos trabalhos realizados com base na teoria argumentativa: sua dissertação versa sobre o elemento lingüístico aposto. Com o objetivo de mostrar que, além de ser, em certos casos, um termo acessório, o aposto é, em muitos outros casos, um termo essencial para a construção da argumentação no discurso, a autora serve-se de conceitos da terceira fase da teoria (Teoria dos Blocos Semânticos) para fazer a sua análise.

Rypl (2006) estuda a teoria argumentativa para aplicá-la em sua dissertação e analisa como o sentido se constrói a partir da substituição lexical no discurso. Os conceitos que norteiam seu trabalho são os que constituem o terceiro momento da teoria, a Teoria dos Blocos Semânticos.

Muitos outros estudos utilizaram como corpus as histórias em quadrinhos e as tiras, no entanto, não encontramos em nenhum deles uma abordagem argumentativa. Esse fato dá a nossa pesquisa um caráter inovador e nos faz acreditar numa possível contribuição para os estudos da teoria argumentativa e para o ensino da leitura de tiras.

A escolha da teoria justifica-se por ser uma teoria que trabalha com a linguagem em uso e que apresenta a relação de interdependência entre as palavras como fator fundamental para a construção do sentido no discurso. Segundo Ducrot (2002, p.7), *só o discurso é doador do sentido*.

A presente pesquisa está disposta em dois capítulos. O primeiro consta de três seções: a primeira faz uma explanação sobre gênero textual; a segunda, apresenta um panorama sobre as histórias em quadrinhos e tiras e tem como objetivo mostrar o surgimento, a evolução e a utilização desse gênero; a terceira faz uma explanação dos conceitos teóricos da Teoria da Argumentação na Língua (TAL) e divide-se em outras subseções, a saber: raízes da teoria, conceitos fundamentais, os dois primeiros momentos da teoria e, por fim, o terceiro e atual momento, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), do qual nos serviremos para a realização das análises. O segundo e último capítulo, mas não menos importante, é composto pela metodologia e pela análise do corpus. Seguem-se a discussão dos resultados e as considerações finais.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 GÊNEROS TEXTUAIS

O estudo sobre gêneros tem sido abordado por diversas áreas, tendo em vista a sua importância para a atividade sócio comunicativa. Nesta pesquisa, o estudo sobre gênero seguirá uma visão bakhtiniana, segundo a qual o gênero se define, basicamente, por seu propósito comunicativo.

Para Bakhtin (1992), a linguagem participa da vida social e ocupa papel fundamental no desenvolvimento sóciopolítico e ideológico da atividade humana. Entre a linguagem e a sociedade existe uma relação de associação, em que a segunda é o reflexo da primeira, ou seja, é a linguagem que define o homem.

Ao considerar o caráter social da linguagem e o enunciado (texto) como produto de interação verbal, Bakhtin contribui para os estudos dos gêneros textuais.

Bakhtin (1992) inicia o seu estudo sobre gênero enfatizando que a utilização da língua está presente em todas as esferas da atividade humana e ocorre por meio de enunciados marcados por características sóciodiscursivas de cada esfera.

O enunciado, segundo o autor, é um elo na cadeia da comunicação verbal e representa a instância ativa do locutor. A experiência verbal individual (contexto de cada um) está relacionada à interação com o outro e seus enunciados. É a partir dessa interação que o discurso é moldado.

De acordo com essa perspectiva, o enunciado tem a sua caracterização assinalada por dois pontos:

- i) *suas fronteiras*, determinadas pela alternância dos sujeitos falantes;
- ii) *seu acabamento*, determinado pela atitude responsiva tomada perante o enunciado.

Bakhtin apresenta, em sua teoria, uma relação entre esses dois pontos: o *acabamento do enunciado é de certo modo a alternância dos sujeitos falantes vista do interior* (p. 299) e ocorre porque o locutor já disse o que pretendia dizer.

Numa abordagem bakhtiniana, os gêneros são considerados tipos de enunciados relativamente estáveis. Sem eles, segundo Bakhtin, a comunicação seria praticamente impossível. Como a variedade da atividade humana é cada vez maior, a diversidade dos gêneros também se amplia e se transforma na medida em que essa atividade se desenvolve e se amplia.

A delimitação dos gêneros se dá de forma natural, de acordo com a necessidade comunicativa do locutor. A escolha da utilização de determinado gênero segue elementos que compõem o enunciado tais como conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional. A partir disso, cabe ao locutor escolher um certo gênero para uma determinada situação e para um determinado interlocutor.

De acordo com Bakhtin, o *querer dizer* do locutor se efetiva na escolha de um gênero; para falar, utilizamo-nos sempre de determinado gênero: (...) *todos os enunciados dispõem de uma forma padrão relativamente estável de estruturação de um todo* (p. 301).

O autor propõe, ainda, a divisão dos gêneros em dois grupos: gêneros primários, compostos por tipos de textos mais simples como a carta e o diálogo cotidiano; e gêneros secundários, compostos por discursos que abrangem os primários, transformando-os, como o romance, o teatro, o discurso científico.

Com base nas definições de Bakhtin, podemos considerar, para fins de análise, as histórias em quadrinhos e as tiras como gêneros secundários. Isso por que elas se apropriam do gênero primário diálogo e o transformam em quadrinhos. Além disso, essa relação dialógica, presente nas histórias em quadrinhos e nas tiras, enfoca a interação entre sujeitos que, mediados pela linguagem, produzem discursos, tornando-se, desse modo, parceiros de um ato comunicativo.

Na próxima seção, será apresentado um breve percurso da origem das histórias em quadrinhos e tiras até os dias de hoje.

1.2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E TIRAS

As histórias em quadrinhos e as tiras³ constituem um sistema interacional composto pela relação entre dois códigos: o visual e o verbal, os quais são essenciais para o entendimento do sentido.

Os primeiros quadrinhos apresentavam desenhos divididos em quadros acompanhados de legendas, as quais davam continuidade às ações. A partir do século XIX, o texto passa a acompanhar sistematicamente o desenho, através das falas dos personagens expressas nos balões. É o início de uma relação entre linguagens diferentes, mas, de certa forma, complementares: a linguagem verbal e a linguagem não-verbal (imagem).

A linguagem nas histórias em quadrinhos foi sendo desenvolvida conforme a criatividade dos autores que, ao se apropriarem de diversos meios e de diversas formas de expressão, criaram uma linguagem específica do gênero. O meio que mais emprestou recursos de linguagem aos quadrinhos foi o cinema, o que propiciou uma certa proximidade entre esses gêneros.

A linguagem visual, ou icônica, tem como principal elemento a imagem, a qual se apresenta como uma seqüência de quadros que transmitem uma mensagem ao leitor. Tal seqüência permite que se estabeleça uma ordem de leitura, da esquerda para a direita e de cima para baixo, em relação à disposição dos personagens e seus respectivos discursos, ainda que, em algumas histórias em quadrinhos, as enunciações sejam expressas apenas pelo aspecto não-verbal da imagem.

Conforme Cirne (1970), a técnica de desenho utilizada nas histórias em quadrinhos está ligada à intenção do seu criador. Fazem parte, também, dessa intenção questões de enquadramento, ângulos de visão, formatos dos quadrinhos, montagem de tiras e páginas, criação dos personagens, utilização de figuras cinéticas, ideogramas e metáforas visuais. A compreensão desses elementos se faz

³ Segundo Mendonça (2003), as tiras derivam das histórias em quadrinhos, por isso optamos por fazer um percurso teórico a partir destas.

necessária, uma vez que é ela que possibilitará uma melhor utilização das histórias em quadrinhos.

O quadrinho, ou vinheta, pode representar, através da imagem, tanto um instante fixo quanto uma seqüência de instantes interligados que compõem uma determinada ação específica da história. Inicialmente, devido às limitações de espaço nos jornais e revistas, as vinhetas se apresentavam num mesmo formato. Com o desenvolvimento do gênero, fez-se necessária certa dinamicidade nas narrativas e, com isso, as vinhetas passaram a ser apresentadas em diversos formatos, os quais são escolhidos de acordo com a intenção do criador em retratar determinada ação.

Outro elemento relevante na questão visual é o contorno dos quadrinhos, os quais não são extremamente rígidos, uma vez que as linhas que o demarcam podem ser sugestivamente informativas: algumas representam o momento presente, verossímil (como as linhas contínuas e sólidas que envolvem as imagens), outras representam um momento passado ou um sonho, devaneio, do personagem (como as linhas pontilhadas, ou em forma de nuvens, que envolvem as imagens) e, ainda, as linhas que participam de forma metalingüística das histórias (como as linhas demarcatórias que ampliam as possibilidades narrativas do meio). Existem alguns autores que preferem jogar com a utilização das linhas de contorno, extrapolando, em determinados momentos, os limites estabelecidos pelas linhas e fazendo que a ação se desenrole fora dos quadrinhos.

Segundo Cirne (1972), a montagem de uma história em quadrinhos estabelece relação com o tipo de material em que vai ser veiculada. As tiras de jornal, por exemplo, trabalham com temas específicos em dois ou três quadrinhos e podem ser apresentadas isoladas (como as tiras diárias que permitem um entendimento completo do sentido) ou interligadas (como as tiras que se relacionam com tiras anteriores e posteriores, que só permitem um entendimento do sentido após a leitura de toda a história).

As tiras apresentam, normalmente, como título, o nome do personagem, ou grupo de personagens, em destaque. Esse título localiza-se, na maioria das vezes,

no alto da tira à esquerda, chamando a atenção do leitor. Após serem publicadas nos jornais, muitas tiras são reunidas em álbuns que são publicados regularmente.

A representação gráfica dos personagens relaciona-se com o estilo dos quadrinhos: nas histórias cômicas os personagens são caricatos; nas de aventura, são realistas ou estilizados com personagens caricaturais ou antropomórficos (como os personagens da Disney). A caracterização do personagem possui, como complemento, as suas expressões corporais e faciais, que auxiliam a compreensão de seu estado de espírito na história em quadrinhos.

Ainda no que diz respeito à questão visual, o criador das histórias em quadrinhos faz uso de figuras cinéticas e de metáforas visuais. As figuras cinéticas dão idéia de mobilidade e de deslocamento físico tais como trajetória linear (linhas ou pontos que marcam o espaço percorrido), oscilação (traços curtos que envolvem o personagem indicando tremor ou vibração), impacto (estrela irregular em cujo centro se situa o objeto que produz o impacto ou o lugar onde ele ocorre). As metáforas visuais compreendem signos ou convenções gráficas e apresentam uma relação direta ou indireta com expressões de senso comum como *ver estrelas*, *falar cobras e lagartos*. Têm como objetivo expressar idéias e sentimentos, reforçando, muitas vezes, o conteúdo verbal.

A linguagem verbal compreende parte da mensagem das histórias em quadrinhos e das tiras e serve para expressar a fala ou pensamento dos personagens, a voz do narrador e os sons envolvidos nas narrativas apresentadas, podendo aparecer, também, em elementos gráficos como cartazes, cartas, vitrines. Sua representação nos quadrinhos é marcada por uma linha circular, próxima à cabeça dos personagens que a expressam, constituindo o *balão*.

O balão representa uma interação entre imagem e palavra, dando certa complexidade às histórias em quadrinhos: o leitor só entenderá o sentido da história se considerar texto e imagem juntos. Sua função é a de indicar a ordem dos falantes e, também, a de informar algumas atitudes ao leitor como, por exemplo, as linhas tracejadas (indicam que o personagem está falando baixo), os formatos em nuvem com rabicho de bolhas (que indicam o pensamento do personagem), os traçados

zig-zag, semelhantes a uma descarga elétrica (que podem representar tanto a voz que sai de um aparelho eletrônico quanto um grito do personagem), os múltiplos rabichos de um mesmo balão (indicam que vários personagens estão falando ao mesmo tempo).

De acordo com Mendonça (2003), a estrutura, apresentada nas histórias em quadrinhos e nas tiras, permite ao leitor uma fácil identificação visual. Em relação à complexidade, a autora enfatiza que esse tipo de material envolve uma complexidade igual, e às vezes até maior do que outros, devido ao seu funcionamento discursivo.

Com a evolução do ensino da Língua Portuguesa, objetiva-se ensinar a língua em uso como processo de comunicação em diversos contextos. O texto tornou-se o principal suporte para esse tipo de abordagem, o que propiciou aos alunos um maior contato com diferentes formas de produção escrita, como reportagens jornalísticas, cartas, editoriais, publicidades. Por serem um material que atende a esse propósito comunicativo, as histórias em quadrinhos e as tiras também ganharam espaço nas escolas, nos livros didáticos e em provas de concursos. Elas podem servir tanto para ilustrar algum tema quanto para gerar reflexões a respeito de determinado conteúdo, sendo utilizadas na seqüência normal das atividades escolares. Isso dependerá apenas da criatividade e do empenho do professor em utilizar as histórias em quadrinhos e as tiras para atingir seus objetivos em sala de aula.

Para realizar um bom trabalho com a linguagem, o professor deve buscar subsídios teóricos coerentes que considerem não só o funcionamento da linguagem, mas também o seu aspecto argumentativo. Acreditamos que a Teoria da Argumentação na Língua pode servir de subsídio, uma vez que contribui para a compreensão do sentido na linguagem.

A próxima seção versará, então, sobre a teoria de base deste trabalho.

1.3 TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA (TAL)

A Teoria da Argumentação na Língua (TAL) proposta por Ducrot (1988) é baseada em princípios saussurianos e tem como objetivo mostrar que a argumentação está na “própria língua”.

Podem ser considerados três momentos no desenvolvimento da TAL: o primeiro é a chamada *Forma Standard*; o segundo momento engloba a *Polifonia* e a *Teoria dos Topoi*; o terceiro é composto pela *Teoria dos Blocos Semânticos*.

Apresentaremos, ao longo deste trabalho, um percurso geral da TAL, no qual nos basearemos primeiramente em Ducrot e, em seguida, em Marion Carel para que possamos contemplar os três momentos da teoria argumentativa. Antes, porém, para o entendimento da TAL, é necessário que se conheçam algumas noções que circunscrevem essa teoria e que serão explanadas a seguir.

1.3.1 Raízes Estruturalista e Enunciativa da Teoria da Argumentação na Língua

A Semântica Argumentativa teve sua origem oficializada em 1983 com a publicação do livro *L'argumentation dans la langue*, de Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre. Por ser uma teoria com raízes estruturalista e enunciativa, entende a língua como sistema de signos que estabelecem relações uns com os outros.

Ducrot desenvolve a sua teoria a partir das idéias de Saussure. O autor não somente utiliza conceitos estruturalistas, mas também os reformula e os amplia. De acordo com Barbisan (no prelo), as noções de signo, de relação e de língua e fala têm papel relevante na teoria:

O signo, na concepção saussuriana, é elemento da língua e só se define pela sua relação com outros signos. Na teoria de Ducrot, o signo é a frase, isto é, a estrutura abstrata, criada pelo lingüista, e seu significado é constituído pelas possibilidades de relação semântica que ela apresenta com outras frases. A relação entre frases se produz no enunciado, entendido como um segmento do discurso. Enunciado e discurso têm, pois, um lugar e uma data, um produtor e um ou vários ouvintes.

Dessa forma, Ducrot explora as possibilidades argumentativas que irão se concretizar nos enunciados e propõe um estudo baseado na Semântica Argumentativa, postulada por ele.

A teoria apresenta como idéia central o fato de que *a argumentação é elemento essencial para a apreensão do sentido no enunciado, que o sentido do enunciado é argumentativo, construído a partir da língua, e que a argumentação está na língua* (Barbisan, 2004, p. 22).

Na perspectiva saussuriana, a língua é um sistema de signos que se definem uns em relação aos outros. De acordo com a teoria de Ducrot, a língua é vista como um conjunto de frases que obtém sentido a partir da relação com outras frases, formando um encadeamento argumentativo. Sendo assim, ao tomarmos para estudo o conjunto de enunciados de uma língua, cada um deles terá sentido, sob o olhar semântico, a partir de suas relações com os outros enunciados em discursos reais.

Na TAL, a noção de relação é expressa pelas relações sintagmáticas que derivam dos encadeamentos discursivos, principalmente os encadeamentos argumentativos. Esses encadeamentos são constituídos por duas frases simples (um argumento e uma conclusão) que dão origem a uma frase complexa: o enunciado. Entre as frases simples existe uma relação de causa e conseqüência que é articulada por um conector explícito ou implícito, podendo ser expressa por A portanto C.

Segundo Ducrot, existem duas razões que justificam a escolha dessa relação argumentativa como centro de seus estudos: a primeira é que essa relação é intrinsecamente ligada ao discurso, sem basear-se nas inferências que o discurso mostra; a segunda é que a argumentação é essencial para as relações discursivas, pois é através de um conjunto de encadeamentos argumentativos que se descreve semanticamente uma frase.

Outro conceito saussuriano relevante para a TAL é o da oposição língua/fala. Ducrot afirma existir, dentro da teoria estruturalista da linguagem, uma diferença entre objeto e matéria da lingüística. Essa matéria lingüística é a fala e corresponde ao dado empírico, constituído de fatos fisiológicos, psíquicos, sociológicos, instituídos por uma coletividade, que, pela sua diversidade, torna-se impossível de ser estudada cientificamente. Por essa razão, escolhe estudar o objeto abstrato, definindo-o como sendo a *língua*, um construto teórico. Ela corresponde ao aspecto social, passivo da linguagem, a um conjunto de convenções, enquanto a fala é o seu ato de realização individual em que o falante atribui à sua enunciação um valor próprio; tendo, porém, uma causalidade social, justificando parcialmente o valor que é atribuído ao enunciado.

Segundo a visão ducrotiana, a proposta de uma descrição semântica da frase complexa, inscrita no sistema lingüístico, na língua, deve mencionar certos aspectos da atividade lingüística realizados por meio dessa língua. Assim, *uma lingüística da língua deve ser também uma lingüística da fala* (Ducrot, 1978 e 1984). Com isso, Ducrot introduz a idéia de que a *enunciação* deve ser introduzida no interior da *fala*.

Em 1997, Ducrot publica um artigo abordando a separação entre semântica e pragmática, no qual retoma e ressignifica a relação língua/fala. O conceito de pragmática é visto por Ducrot a partir de dois prismas: o primeiro engloba uma pragmática contextual em que *o sentido do discurso não é previsível pela estrutura lingüística, mas só pela situação (contexto) no discurso* (Barbisan, 2004, p. 31). Como exemplo, apresenta o enunciado *O carro está na rua* em que a busca do contexto para a construção do sentido torna-se indispensável. O autor enfatiza que mesmo que a estrutura lingüística não forneça o sentido, ela indica o que e como

procurar no contexto. Ao substituímos o artigo definido pelo indefinido (o carro/um carro), a instrução para a busca no contexto apresenta uma modificação. Conclui-se, dessa forma, que o sentido só se constrói pelo contexto; no entanto, essa construção é direcionada pelo valor lingüístico da palavra a ser interpretada.

No segundo prisma, o termo pragmática está relacionado ao ato de enunciação realizado pelo locutor, envolvendo a sua atitude, o momento de fala, a relação entre locutor e interlocutor. Como exemplo, Ducrot cita o enunciado exclamativo, em que a enunciação é vista como efeito de uma experiência pessoal do locutor. Isso implica que haja na enunciação uma descrição de coisas caracterizadas pelo efeito que o locutor lhes atribui.

Considerando esses dois prismas, Ducrot considera a pragmática inseparável da lingüística, uma vez que no primeiro *o pragmático é o que as circunstâncias da enunciação acrescentam à significação estrita das palavras, mas esse acréscimo está inscrito em filigrama na própria estrutura lingüística* (Ducrot, 1997, p. 13). E a busca contextual por meio de instruções ou diretivas é conduzida pela própria estrutura lingüística. Já no segundo *as palavras da língua contém como parte integrante de sua significação dispositivos que permitem representar (...) o discurso [o enunciado] que as utiliza* (Ducrot, 1997p.14).

Segundo Ducrot (1997), nos dois prismas percebe-se que a distinção saussuriana entre língua e fala separa dois centros de interesse diferentes:

- i) *diversidade dos efeitos produzidos* (análise de discursos)
- ii) *valor permanente das palavras, a partir das quais esses efeitos são produzidos* (lingüística).

Com isso, Ducrot (1997) enfatiza que a enunciação não deve ser ignorada, pois é a partir das palavras que ela e seu contexto devem ser caracterizados. A partir da escolha das palavras, temos uma imagem da fala que é fundamental para a compreensão do discurso e que nos encaminha para o fato de que é o discurso que constrói o contexto; este não preexiste àquele. Dito isso, Ducrot afirma que o que preexiste ao discurso é uma situação sem limites e sem estruturas: é a palavra que

traz os limites e os pontos de vista⁴ que tornam a situação utilizável para a interpretação. Portanto, semântica e pragmática não podem ser dissociadas uma da outra, já que o estudo do contexto (primeiro prisma) e da representação do enunciado se integram ao sentido do enunciado (segundo prisma).

1.3.2 Conceitos Fundamentais

Para um melhor entendimento da TAL, faz-se necessário apresentarmos, mesmo que de forma sucinta, alguns de seus conceitos de base.

Um conceito fundamental é o de realização lingüística, visto por Ducrot (1984) como uma atividade psicofisiológica concretizada nas palavras pronunciadas ou escritas. Essa realização ocorre de acordo com duas unidades lingüísticas: as unidades de nível elementar, dentro das quais estão a frase e o enunciado (sendo a frase um constructo teórico e o enunciado a realização desse constructo) e as unidades de nível complexo, das quais fazem parte o texto e o discurso.

A partir disso, Ducrot (1984) postula os conceitos de texto e discurso: o texto refere-se à seqüência de frases, uma entidade abstrata e complexa, e o discurso corresponde à seqüência de enunciados relacionados entre si, uma entidade concreta, empírica. Segundo o autor, a noção de relação entre enunciados é essencial para o entendimento do funcionamento da linguagem, uma vez que é a partir da sucessão de enunciados que se constrói o sentido dos discursos.

Conforme Ducrot (1984), os conceitos de significação e sentido também são importantes para a teoria. Esses conceitos correspondem aos valores semânticos atribuídos às unidades lingüísticas. A significação é o conjunto de instruções para construir um conteúdo a partir da situação enunciativa e representa o valor semântico da frase e do texto. O sentido é o resultado da articulação entre a

⁴ Superposição de vozes de diferentes enunciadorees levantados pelo locutor no discurso (Ducrot, 1988).

totalização dos sentidos individuais dos enunciados e a organização dos enunciados no discurso e representa o valor semântico do enunciado e do discurso.

Os conceitos explicitados até aqui são considerados essenciais e permanecem em todos os momentos de desenvolvimento da teoria.

Nas próximas subseções, trataremos dos três momentos que compõem a TAL, proposta por Anscombe, Ducrot e Marion Carel.

1.3.3 Os dois primeiros momentos da Teoria - *Forma Standard* e *Polifonia e Topos*

1.3.3.1 *Forma Standard* - 1º momento

Para desenvolver a *forma standard* de sua teoria, Ducrot (1988) retoma a concepção tradicional de sentido, apresentando o seu ponto de vista em relação a esse momento.

A concepção tradicional de sentido apresenta a idéia de que o sentido de um enunciado é composto por indicações objetivas, subjetivas e intersubjetivas. Dessa forma, o discurso só adquire o seu valor argumentativo se seguir três condições:

1. O discurso se constitui de dois segmentos **A** (argumento) e **C** (conclusão).

Exemplo: *Faz calor. Vamos passear.*

(A) **(C)**

2. O argumento deve indicar um fato **F**, que o torna verdadeiro ou falso independente de **C** (conclusão). Isso faz que **A** (argumento) seja considerado uma assertiva, a qual já possui um valor de verdade antes mesmo que se conheça **C** (conclusão).
- 3 **A** partir do fato **F**, pode-se inferir a conclusão **C**. Assim, temos a relação argumentativa de forma que *A indica um fato F, o qual implica uma conclusão C.*

Essa terceira condição nos permite inferir que a argumentação é exterior à língua, uma vez que o movimento argumentativo não é determinado por esta, mas pelos fatos. Sendo assim, o papel da língua se restringe a explicar por que o segmento **A** indica **F** e, também, a fornecer os conectores lingüísticos, deixando a conexão entre fato **F** e conclusão **C** ser determinada pela lógica, pela sociologia ou pelo nosso conhecimento de mundo.

Ainda no que diz respeito a essas condições, Ducrot (1988) discorda da segunda condição, pois “nossas palavras não têm sentido completo antes das conclusões que tiramos delas” (Ducrot, 1988 p.73). O autor também não concorda com a terceira condição, considerando-a insuficiente, pois acredita que um mesmo fato, em diversas línguas, num mesmo contexto, pode levar a conclusões diferentes. Isso pode ser evidenciado nas frases abaixo:

- (1) Pedro trabalhou pouco
- (2) Pedro trabalhou um pouco.

Conforme Ducrot (1988), os enunciados dessas frases apontam para o mesmo fato, o que nos leva a pensar que deveríamos ter as mesmas conclusões. Entretanto, podemos ter diferentes conclusões em relação à força argumentativa contida num enunciado em diferentes contextos. Ao considerarmos um contexto no qual o trabalho corresponde a sucesso, por exemplo, teremos uma conclusão relativa ao fracasso de Pedro (a partir de (1)) e uma conclusão relativa ao sucesso de Pedro (a partir de (2)). Num contexto em que o trabalho corresponde a fracasso, teremos uma conclusão relativa ao sucesso de Pedro (a partir de (1)) e uma conclusão relativa ao fracasso de Pedro (a partir de (2)). Observa-se, então, que até num mesmo contexto as frases (1) e (2) têm conclusões diferentes.

Com isso, Ducrot (1988) salienta que não são apenas os fatos que delimitam as possibilidades argumentativas, mas, também, a forma lingüística dos enunciados, uma vez que ela torna possíveis algumas interpretações e incompatibiliza outras. Isso comprova a idéia fundamental da TAL, na qual a *argumentação inscreve-se na própria língua*.

Confirma-se, a partir dessa constatação, que a forma standard, proposta por Ducrot (1988), se opõe à concepção tradicional de sentido, uma vez que exclui os fatos externos à língua.

Ducrot (1988) também se opõe à concepção tradicional do sentido, proposta por Karl Bühler, no que diz respeito ao sentido do enunciado. Segundo esse autor, o sentido do enunciado apresenta três indicações, relacionadas às principais funções da língua, a saber:

- i) indicações objetivas – que representam a realidade;
- ii) indicações subjetivas – que indicam a atitude do locutor em relação à realidade;
- iii) indicações intersubjetivas – que se referem às relações do locutor com as pessoas a quem se dirige.

Para Ducrot (1988), a linguagem não possui nenhuma indicação objetiva. O autor afirma, em sua teoria, que a linguagem “se une” nas indicações subjetivas e intersubjetivas, já que a descrição da realidade passa pela expressão de uma atitude do locutor e por um apelo que ele faz ao seu interlocutor, compondo, assim, o valor argumentativo dos enunciados.

No que se refere à unicidade do sujeito, defendida pela concepção tradicional de sentido, Ducrot rechaça a idéia de que por trás de um enunciado exista somente um sujeito falante. Para reforçar essa posição, o autor parte do princípio de literatura polifônica, proposta por Bakhtin, e desenvolve a *teoria polifônica da enunciação* com o objetivo de mostrar que o autor de um enunciado se manifesta a partir de um certo número de personagens que põe em cena. O sentido do enunciado, então, constitui-se da confrontação das diversas vozes representadas por esses diferentes sujeitos.

Assim, o sentido passa a ser visto a partir dos pontos de vista apresentados pelos enunciadores e pelo princípio que garante a passagem do argumento para a conclusão (*topos*), como veremos na subseção seguinte.

1.3.3.2 Polifonia e Topos - 2º momento

Neste segundo momento da teoria argumentativa, Ducrot faz uma reformulação do primeiro momento, *a forma standard*, propondo que a argumentação passe a ser descrita a nível dos enunciadores apresentados no enunciado e não mais a nível dos enunciados. Para desenvolver tal proposta, Ducrot introduz as noções de polifonia e de topos, essenciais para a análise argumentativa dos enunciados.

Uma das noções apresentadas por Ducrot (1988) refere-se à polifonia. A teoria polifônica apresenta a idéia de que num mesmo enunciado existe a presença de vários sujeitos com *status lingüísticos* diferentes. Isso nos leva a considerar que o sujeito possui diferentes funções: *sujeito empírico* (SE), *locutor* (L) e *enunciador* (E). O *sujeito empírico* é o autor efetivo do enunciado, o produtor real do enunciado; o *locutor* é o responsável pelo enunciado, aquele pelo qual se dá a enunciação e que deixa marcas no discurso, como *eu, mim, aqui, agora, etc*; o *enunciador* refere-se aos diferentes pontos de vista apresentados no enunciado.

No que diz respeito à distinção entre *sujeito empírico* e *locutor*, Ducrot ressalta que podem ocorrer situações em que os enunciados não apresentem locutores; no entanto, não é possível existirem enunciados sem sujeitos empíricos.

Quanto à relação entre *locutor* e *enunciadores* deve-se lembrar, segundo Ducrot, que os *enunciadores* são apenas os responsáveis pelos pontos de vista, perante os quais o *locutor*, responsável pela enunciação, pode apresentar diversas posições.

De acordo com essa nova perspectiva, o discurso é polifônico e está ligado a dois aspectos: a exposição dos pontos de vista dos diversos enunciadores e a indicação da posição do locutor em relação a esses enunciadores. Este pode se identificar com o enunciador (quando assume o ponto de vista dele), pode aprová-lo (quando concorda com ele) e pode rechaçá-lo (quando se opõe ao ponto de vista dele).

Ao desenvolver seu estudo, Ducrot (1988) percebe que, em alguns casos, as possíveis argumentações não são determinadas somente por argumento e conclusão, mas por uma relação entre eles. Com isso, ele introduz a idéia de que essa relação deve ser estabelecida por um princípio argumentativo, denominado *topos*.

Conforme a sua origem aristotélica, *topos* possui um significado ligado a armazenamento. Para Aristóteles, *topos* era uma espécie de “depósito” onde o orador podia encontrar todos os argumentos necessários para a defesa de sua tese.

Ducrot se apropria desse significado aristotélico e o transforma em *princípio argumentativo*, o qual fornece uma espécie de “garantia” à passagem do argumento para a conclusão. Dessa forma, o locutor “busca” qual o melhor *topos* para alcançar determinada interpretação de um enunciado argumentativo.

Para que haja argumentação, então, o ponto de vista deve estar condicionado ao fato de que a conclusão deve ser fundamentada pelo enunciador e que o percurso realizado entre enunciador e conclusão seja realizado por intermédio de um *topos*.

O *topos* possui três características fundamentais, a saber: é *universal*, *geral* e *gradual*. É *universal*, ou *compartilhado*, porque é aceito por uma comunidade lingüística, ou seja, não pertence apenas ao locutor mas a várias pessoas de uma mesma comunidade. Ao argumentar, a conclusão se faz necessária, já que tem origem numa crença compartilhada por todo um grupo; é *geral* por ser comum. Sua validade está ligada ao fato de ser compartilhada por outras pessoas, diferentes do locutor, e o seu uso pode ser legitimado não só na situação em que é utilizado, mas também em situações semelhantes a essa; é *gradual* porque estabelece uma relação gradual entre duas escalas: o caminho percorrido por uma escala deve estar em simetria com o caminho percorrido pela outra. Assim, o sentido de uma escala influencia o sentido da outra, uma vez que a gradualidade envolve um segmento anterior P e um segmento posterior Q. O que não quer dizer que em toda situação

isso aconteça, mas que P pode ser considerado um fator de Q na medida em que um aumenta e o outro também, proporcionalmente.

Vejamos as características do *topos* no exemplo de Ducrot:

Faz calor, vamos à praia.

- *universal*: o calor somente é uma justificativa aceitável se a pessoa, que convidamos, também concorde que com o calor é bom ir à praia.
- *geral*: em todos os momentos, inclusive fora do momento de enunciação, o calor induz a ir à praia.
- *gradual*: a escala quanto mais P mais Q torna possível a idéia de que quanto mais calor, mais vontade de ir à praia.

Segundo Ducrot, um mesmo *topos*, devido à sua gradualidade, apresenta diversas formas, denominadas *formas tópicas* (FT). Tais formas são equivalentes: ao admitir uma, necessariamente se admite a outra.

Isso explica a possibilidade de existir a mesma conclusão para diferentes enunciados como, por exemplo, com enunciados que contêm *pouco* e enunciados que contêm *um pouco*:

(A) Pedro estudou um pouco. Ele passou na prova.

(B) Pedro estudou um pouco. Ele não passou na prova.

(C) Pedro estudou pouco. Ele passou na prova.

(D) Pedro estudou pouco. Ele não passou na prova.

Se compararmos as conclusões obtidas em (A) e (C) às obtidas em (B) e (D), verificamos que são as mesmas, porém o movimento argumentativo é diferente, tanto em (A) e (C) quanto em (B) e (D), uma vez que eles não apresentam o mesmo *topos*. O que se tem, então, são dois *topoi* contrários:

T1: O estudo leva ao sucesso.

T2: O estudo leva ao fracasso.

Correspondentes a cada um desses topoi, apresentam-se duas formas tópicas recíprocas:

T1 origina duas formas tópicas:

FT': Quanto mais se estuda, mais se tem sucesso.

FT'': Quanto menos se estuda, menos se tem sucesso.

T2 origina duas formas tópicas:

FT': Quanto mais se estuda, menos se tem sucesso.

FT'': Quanto menos se estuda, mais se tem sucesso.

Ducrot afirma que, para a interpretação de um enunciado com *um pouco*, deve-se indicar qual o topos convocado e que a forma tópica utilizada deve seguir o padrão de “*Quanto mais P...*”. Do mesmo modo deve-se proceder na interpretação de enunciado com *pouco*, no entanto a forma tópica deve ser do tipo “*Quanto menos P...*”. Tais instruções possibilitam a explicação de quais são os topoi utilizados em cada um dos encadeamentos anteriores.

Com o desenvolver da teoria, a idéia de passagem de um argumento para a conclusão passa a ser questionada. Nessa ocasião, Ducrot desenvolve o terceiro momento da teoria argumentativa e, com o auxílio de Marion Carel, propõe uma revisão da noção de topos.

Esse terceiro momento corresponde à Teoria dos Blocos Semânticos e será apresentado na próxima subseção.

1.3.4 A Teoria dos Blocos Semânticos

A Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) é proposta por Marion Carel e representa o terceiro momento da Teoria da Argumentação na Língua. Nesse terceiro momento, Carel apresenta algumas modificações em relação aos dois momentos anteriores.

Carel (1997) discorda da forma tradicional da argumentação vista como um procedimento demonstrativo, o qual supõe que a interpretação da seqüência de enunciados A e B seja possível mesmo que tais enunciados sejam colocados isoladamente, ou seja, o primeiro da seqüência (A) admite a conclusão independente do último (B), o qual é validado pelo argumento que o precede. Com isso, se tem uma transmissão de verdade dos argumentos a uma conclusão, o que assemelha a argumentação no discurso à estrutura de uma demonstração. A autora nega essa visão ao afirmar que a língua é incapaz de fornecer, apenas, enunciados descritivos.

Desse modo, Carel descarta a Teoria dos *Topoi* e passa a estudar a argumentação pela Teoria dos Blocos Semânticos. A partir dessa teoria, a autora faz uma reflexão sobre a noção de enunciado, passando a relacioná-lo com o discurso.

A autora segue a visão que Ducrot apresenta sobre o discurso, ou seja, o discurso é o único portador de sentido e acrescenta que esse tipo de discurso deve ser organizado a partir de *encadeamentos argumentativos*, os quais não são semanticamente independentes, mas interdependentes. Tais encadeamentos são constituídos por uma seqüência de proposições unidas por um conector que pode ser portanto (*donc*) ou no entanto (*pourtant*). Esses encadeamentos organizam o discurso de acordo com dois aspectos: o normativo, utilizado com o conector *donc* (A *donc* C) e o transgressivo, utilizado com o conector *pourtant* (A *pourtant* C)⁵. Esses aspectos, segundo Carel (1997), formam, juntos, um *bloco semântico*, uma

⁵Utilizaremos, ao longo do trabalho, as siglas DC e PT para os conectores portanto (*donc*) e no entanto (*pourtant*), respectivamente

vez que argumento e conclusão são vistos agora como representações unitárias, constituindo o próprio sentido dos encadeamentos argumentativos.

Nota-se que, para Carel, em *A donc C*, A e C não são enunciados: são segmentos que fazem parte de um encadeamento argumentativo, unidade semântica de base nessa teoria.

Exemplo:

Faz calor, vamos à praia

O segmento *vamos à praia* só será compreendido e aceito se o *calor* expresso no primeiro segmento for entendido como tal, ou seja, como calor de ir à praia. Temos, nesse exemplo, dois segmentos, em que o primeiro serve de argumento para o segundo, que é a conclusão. Ambos são manifestados por uma representação única de sentido: quando faz calor é bom ir à praia. Essa representação unitária constitui o bloco semântico.

Conforme Carel (1997:33):

Argumentar consiste somente em convocar os blocos lexicais e em permanecer coerente com eles: se os encadeamentos em *donc* podem assumir uma eventual força persuasiva, é unicamente porque eles exprimem lugares comuns.

No que se refere ao conector PT, temos uma transgressão à regra normativa. No entanto, segundo Carel, mesmo que toda regra tenha a sua exceção, ambas podem se apresentar em plena simetria. Assim, a autora mostra que *donc* e *pourtant* são proporcionais: eles reúnem blocos, aspectos e os apresentam de maneira igual. A argumentação está presente nesses conectores por eles auxiliarem na construção de um discurso racional e autêntico como, por exemplo, nos encadeamentos:

Faz calor DC vamos à praia

Faz calor PT não vamos à praia

em que DC corresponde ao aspecto normativo do bloco e PT ao aspecto transgressivo do mesmo bloco, que tem como princípio argumentativo *quando faz calor é bom ir à praia*.

Um bloco semântico apresenta, segundo a TBS, quatro aspectos tópicos que formam o quadrado argumentativo. As estruturas semânticas dos encadeamentos, normativa (DC) e transgressiva (PT), levam a relações recíprocas e conversas entre os enunciados, enfatizando, com isso, os quatro aspectos de um mesmo bloco. Daí, constitui-se o quadrado argumentativo.

Essas relações tornam possíveis as seguintes construções:

- A) A donc C
- B) neg A donc neg C
- C) A pourtant neg C
- D) neg A pourtant C

Como no exemplo:

O texto é fácil DC ele compreende.

De acordo com esse exemplo e embasados nas construções acima citadas, temos:

- A) é fácil então compreende.
- B) não é fácil então não compreende
- C) é fácil no entanto não compreende
- D) não é fácil no entanto compreende.

Dessa forma, constata-se que os encadeamentos **A** e **B**, **C** e **D** são *recíprocos*, já que negam os conceitos; e que os encadeamentos **A** e **C**, **B** e **D** são *conversos*, uma vez que apresentam o aspecto *normativo* relacionado ao seu

transgressivo, simetricamente. Verifica-se, com isso, que os encadeamentos do tipo *A donc C*, *A pourtant neg C*, *neg A donc neg C*, *neg A pourtant C* estão relacionados. Portanto, pode-se afirmar, segundo Carel (1997), que os quatro aspectos constituem o mesmo quadrado argumentativo. De acordo com a autora, um outro bloco seria de possível construção, surgindo outros aspectos que partiriam de uma ocorrência discursiva. No entanto, ela ressalta que *se se reconhece um aspecto transgressivo, não se pode utilizar o aspecto normativo da mesma regra* (Carel, 1997:38).

Seguindo seu estudo, Carel mostra que a Teoria dos Blocos Semânticos carrega princípios de uma semântica argumentativa que fornece subsídios para construir sentido através da lexicalização. Justifica-se, assim, a possibilidade de se descrever o léxico de uma língua e não apenas o enunciado, como era previsto anteriormente.

Isso leva Ducrot e Carel a desenvolverem, nesse momento da teoria, outros conceitos lingüísticos: as argumentações externas (AE) e as argumentações internas (AI) das palavras. Segundo Ducrot (2000, p.9), a argumentação externa de uma palavra corresponde à pluralidade dos aspectos constitutivos de seu sentido na língua e que estão ligados a ela de modo externo. A argumentação interna está relacionada a uma característica inerente da palavra, podendo ser representada por uma paráfrase.

As argumentações externa (AE) e interna (AI) apresentam diferença no que diz respeito ao aspecto converso: esse é possível apenas na argumentação externa (AE). Desse modo, essa argumentação pode apresentar o seu aspecto *A conector C* e, também, o seu aspecto converso *A conector neg C*, o que não é possível na argumentação interna (AI). Nessa, apenas um dos aspectos terá sua realização efetivada.

É relevante registrar que as argumentações apresentadas por uma entidade lingüística, tanto na AE quanto na AI, podem ser consideradas *estruturais*, quando

estão ligadas à entidade lingüística, ou *contextuais*⁶, quando estão relacionadas à situação em que a entidade é enunciada.

Ducrot (2002) classifica semanticamente o léxico a partir da separação entre palavras plenas e palavras instrumentais. As *palavras plenas* são aquelas que podem ter uma AI e uma AE; as *palavras instrumentais* (ou gramaticais) são aquelas que não designam nenhum elemento da realidade.

O autor divide as *palavras instrumentais* em conectores, articuladores e operadores. Os conectores correspondem a DC e a PT, que têm como função formar os encadeamentos argumentativos; os articuladores têm como função comparar as argumentações que constituem o sentido dos segmentos, como, por exemplo, o articulador *mas*, citado por Ducrot.

Quanto aos operadores⁷, Ducrot (2002) os divide em modificadores e internalizadores. Os modificadores são definidos como *uma palavra Y que, aplicada a uma palavra X, produz um sintagma XY cujo sentido é constituído de aspectos contendo só as palavras plenas já presentes na AI de X* (Ducrot, 2002, p. 11). Já os internalizadores comportam na AI de XY palavras plenas relacionadas à AE de X, garantindo uma passagem entre AE e AI.

Outro aspecto lingüístico que merece atenção na TBS corresponde à polifonia, que continua auxiliando na construção de sentido do discurso. Nessa fase, a argumentação, via polifonia, passa a ser analisada não só pela posição do locutor perante os enunciadores, mas também pela relação entre enunciadores. A orientação argumentativa é construída com base nessas relações, conduzindo, dessa forma, o sentido do discurso.

Em síntese, no terceiro momento da Teoria da Argumentação na Língua, que contempla a TBS, a unidade semântica passou a ser o *encadeamento argumentativo* e não mais o enunciado, como era na *forma standard*, primeiro momento da teoria. O conceito de topos também sofreu alterações, sendo

⁶ Esse é o tipo de AI que utilizamos em algumas das análises.

⁷ Não utilizaremos os operadores em nossas análises.

substituído por *princípio argumentativo* visto como *fonte de discurso*, resultado da interdependência dos segmentos do enunciado, idéia fundamental para a concepção do bloco semântico. A noção de justificativa entre argumento e conclusão é, a partir disso, negada por Carel, pois, para a autora, *argumentar não é justificar* (Carel, 1997).

Com isso, assume-se, nessa teoria, uma visão estruturalista de relação entre as palavras: é a relação de interdependência entre as palavras que torna *argumentativos* os discursos , segundo Carel.

O sentido passa a ser construído no e pelo discurso, uma vez que a língua prevê, em seu sistema, algumas possibilidades de escolha do léxico, as quais são utilizadas em diversas situações discursivas.

Vale ressaltar, ainda, que a Teoria dos Blocos Semânticos continua sendo analisada e aprimorada por Oswald Ducrot e Marion Carel, e que as fundamentações de base, aqui explanadas, continuam contribuindo para o estudo da teoria.

No próximo capítulo, explicitaremos a metodologia que utilizamos neste trabalho e apresentaremos a aplicação de alguns conceitos⁸ da Teoria a tiras.

⁸ Para fins de análise, utilizamos os seguintes conceitos: locutor, enunciadores, pontos de vista, argumentação interna (AI), encadeamento argumentativo, aspecto (normativo e transgressivo) e bloco semântico.

2 METODOLOGIA E ANÁLISE

2.1 METODOLOGIA

Seguindo a visão da teoria ducrotiana, selecionamos nove tiras de fontes como jornais, revistas de histórias em quadrinhos e livros didáticos, para verificarmos como se constrói a argumentação no discurso.

O método de análise utilizado neste trabalho serviu-se dos conceitos fundamentais da Teoria da Argumentação na Língua como locutor, polifonia, enunciadores, pontos de vista, argumentação interna (AI), encadeamento argumentativo, aspecto (normativo e transgressivo) e bloco semântico.

Com o intuito de realizar uma análise adequada e coerente, sob uma perspectiva argumentativa, escolhemos seguir alguns passos:

- 1) levantamento dos enunciadores;
- 2) levantamento das atitudes dos locutores em relação aos enunciadores;
- 3) construção da argumentação interna (em alguns casos)
- 4) análise das relações argumentativas em pontos de vista apresentados no discurso, com base nos conectores DC e PT;
- 5) formalização através de encadeamentos argumentativos e/ ou blocos semânticos;
- 6) identificação do sentido construído nas tiras.

2.2 ANÁLISE

2.2.1 Análise 1



Na tira de Maurício de Souza, temos dois personagens: o Cascão e uma menina. Os dois estão conversando sobre um possível namoro entre eles, que tem como empecilho a resistência do Cascão em tomar banho.

- Primeiro quadrinho

Enunciadores:

- E1 Cascão apresenta resistência ao banho
- E2 Se o Cascão não tomar banho não haverá namoro
- E3 O banho é condição para o namoro
- E4 Cascão vai acabar tomando banho
- E5 Se Cascão tomar banho, haverá namoro

De acordo com o primeiro enunciado do locutor 1, menina, (*Um dia você não poderá resistir e vai tomar banho!*), temos a seguinte relação: o locutor 1 reconhece o enunciador E1 mas assume o ponto de vista do enunciador E4.

A partir dessa relação temos os seguintes encadeamentos:

- resistir DC não tomar banho

- neg resistir DC tomar banho

Esses encadeamentos apresentam seus aspectos em DONC, por isso podem ser considerados aspectos recíprocos do mesmo bloco semântico *Resistência ao banho*.

O locutor 1, nesse primeiro momento, se identifica com o E4, assumindo o segundo aspecto normativo do bloco:

- neg resistir DC tomar banho

Em seguida, temos uma continuação da argumentação do locutor 1: *“Daí eu vou aceitar namorar com você!”*, que dá origem a outros encadeamentos, também com aspectos recíprocos:

tomar banho DC namorar

não tomar banho DC neg namorar

Vemos que, nesse segundo momento, o locutor 1 se identifica com os enunciadores E4 e E5, assumindo o primeiro aspecto normativo do bloco:

- neg resistir e tomar banho DC namorar.

Ao assumir esse aspecto, o locutor 1 apresenta o seu ponto de vista em relação ao possível namoro: só haverá namoro no dia em que houver banho.

- Segundo quadrinho

“Daí eu que não vou querer! Você vai estar muito velha!”

(locutor 2 - Cascão)

Enunciadores:

E1 Um dia Cascão não vai resistir e vai tomar banho

E2 Um dia implica a possibilidade de passar muito tempo

E3 Com o passar do tempo, as pessoas envelhecem

E4 Cascão não namora velhas.

A partir da relação entre esses enunciadores, percebemos que o locutor 2 concorda com o E1, mas assume o ponto de vista do E4, o que pode ser expresso pela relação entre os seguintes encadeamentos:

- **não resistir DC tomar banho um dia**
- **um dia DC momento impreciso e distante (futuro)**
- **tempo indeterminado DC possibilidade de envelhecimento**
- **a menina ficar velha DC Cascão não namorar**

A argumentação contida nesses encadeamentos mostra que a posição do locutor 2 se apresenta de forma a assumir o aspecto normativo, confirmando o seu ponto de vista em relação ao namoro:

a menina vai ficar velha DC ele não vai querer namorá-la

Percebemos que o ponto de vista do locutor 1 é favorável ao namoro, uma vez que ele não vê o fato de o locutor 2 tomar banho como uma coisa impossível. Já o locutor 2 também não vê o fato de tomar banho uma coisa impossível, mas não se apresenta favorável ao namoro, pois o tempo será fator fundamental para isso.

Através da relação entre os enunciadores da tira, vemos que é possível perceber um outro aspecto relevante: o levantamento de um ponto de vista que está subjacente ao discurso do locutor 2 e que só é percebido por meio da polifonia, marcada na expressão *um dia*, que é apontada pelos seguintes enunciadores:

E1 Um dia Cascão não vai poder resistir

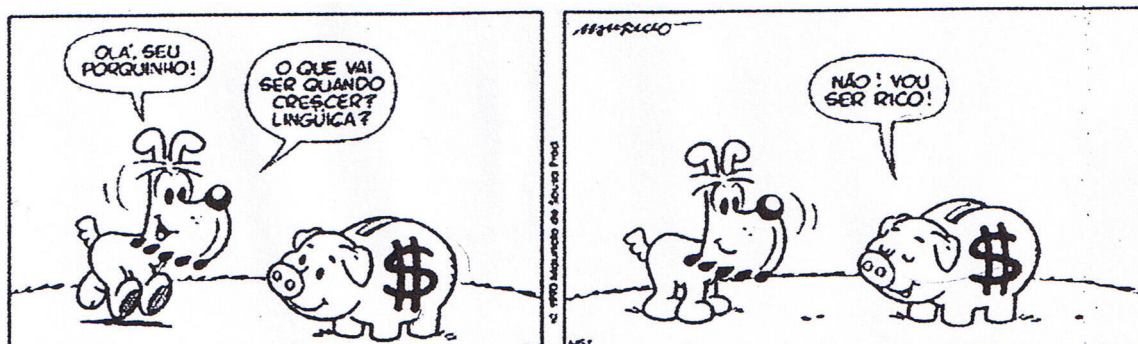
E2 Um dia significa momento impreciso

E3 Um dia pode demorar para chegar

E4 Cascão pode demorar para tomar banho

A relação entre os enunciadores acima nos revela uma outra voz, com a qual o locutor 2 se identifica: Cascão não pretende tomar banho tão cedo.

2.2.2 Análise 2



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Nesta tira de Maurício de Souza, temos o cão Bidu conversando com um porquinho que é apresentado na imagem como um porquinho cofre. O cão pergunta ao porquinho o que ele vai ser quando crescer, mas já o faz dando uma resposta à própria pergunta: o porquinho virará lingüiça. O porquinho surpreende o cão, pois responde que não será lingüiça, mas rico.

Primeiro quadrinho

Olá seu porquinho! O que você vai ser quando crescer? Lingüiça?

(locutor 1- Bidu)

Enunciadores:

E1 Quando crescemos nos tornamos alguma coisa.

E2 Os porcos viram lingüiça

E3 Nem todos os porcos viram lingüiça

O locutor 1 concorda com o E1 e se identifica com o ponto de vista do E2: os porcos viram lingüiça. Percebemos, assim, que o ponto de vista desse locutor se apresenta conforme o seguinte encadeamento:

os porcos se tornam lingüiça DC você também será lingüiça

- Segundo quadrinho

Não! Vou ser rico (locutor 2 - porquinho)

Analisando o primeiro enunciado do locutor 2, temos uma negação como resposta à pergunta do locutor 1. Essa negação ocorre conforme mostram os enunciadores, com os quais o locutor 2 se identifica:

E1 Eu sou um porco

E2 Não vou ser lingüiça

que, ao serem formalizados, representam o ponto de vista do locutor 2 em relação à pergunta do locutor 1:

eu sou um porco PT não vou virar lingüiça

De acordo com o segundo enunciado proferido pelo locutor 2 (*Vou ser rico*), temos os seguintes enunciadores:

E1 Quando crescemos nos tornamos alguma coisa.

E2 Os porcos viram lingüiça

E3 Nem todos os porcos viram lingüiça

E4 Eu me tornarei rico

E5 Eu não vou virar lingüiça

O locutor 2 rejeita o enunciador E2, concorda com os enunciadores E1, E3 e E5 e assume como seu o ponto de vista do enunciador E4. Constrói-se, então, o seguinte encadeamento:

vou ser rico DC eu não vou virar lingüiça

Ao confrontarmos as idéias do primeiro e do segundo quadrinho, temos a possibilidade de formar o seguinte encadeamento:

- ser porco DC virar lingüiça

- ser porco PT neg virar lingüiça

em que o locutor 1 se identifica com o aspecto normativo e o locutor 2 se identifica com o aspecto transgressivo do mesmo bloco que diz *os porcos viram lingüiça*.

Ao se posicionar transgressivamente em relação ao ponto de vista do locutor 1, o locutor 2 apresenta-se de modo a afirmar uma exceção à regra expressa pelo enunciador E2.

Observamos, nesta tira, que o locutor 2 aponta para um novo fato: o de ser rico, o que nos leva a buscar informações no contexto que justifiquem essa conclusão. Partimos, então, da expressão lingüística RICO para investigarmos o que, no contexto, permite que esse locutor sustente a sua conclusão. Vê-se, então, na imagem, que o porquinho em questão é um porco-cofre.

AI de rico: guardar dinheiro DC acumular fortuna

A partir da AI de rico, buscamos relacionar texto e imagem e chegamos aos seguintes enunciadores:

E1 Sou um porco cofre

E2 Os cofres acumulam dinheiro

E3 Quem acumula dinheiro se torna rico

E4 Sou um porco-cofre por isso tenho a possibilidade de me tornar rico.

A confrontação entre esses enunciadores nos leva à posição assumida pelo locutor 2 nesta tira:

sou porco-cofre DC vou me tornar rico.

2.2.3 Análise 3



A tira de Maurício de Souza apresenta pai e filho (Cebolinha) conversando sobre a mesada que o menino recebe. O pai comenta com o filho que, com o dinheiro da mesada que ele recebe hoje, o pai fazia as compras da casa antigamente. O menino então pergunta ao pai como ele e a mãe faziam para viver só de sorvetes e doces.

- Primeiro quadrinho

Pois é, meu filho! Antigamente, com o dinheiro da sua mesada, eu fazia as compras pra casa! (locutor 1 - pai)

Enunciadores:

E1 O tempo passou e as coisas mudaram

E2 A quantia de dinheiro dada ao filho é a mesma com a qual o pai fazia as compras da casa antigamente

E3 O valor do dinheiro não é mais o mesmo

E4 Hoje, o pai não faz mais as compras da casa com aquela quantia de dinheiro

O locutor 1 concorda com os enunciadores E1, E2, E3 e se identifica com o enunciador E4.

A partir disso, temos a construção dos seguintes encadeamentos:

- **mesma quantia de dinheiro DC mesmas compras**
- **mesma quantia de dinheiro PT neg mesmas compras**

em que o ponto de vista do locutor (pai) corresponde ao aspecto transgressivo, já que com a mesma quantia de dinheiro ele não consegue fazer, hoje, as mesmas compras.

- Segundo Quadrinho

Puxa! Como você e a mamãe faziam pra viver de sorvetes e doces?

(locutor 2 - Cebolinha)

Enunciadores:

E1 O dinheiro é pouco

E2 O dinheiro só dá para comprar sorvetes e doces

E3 O pai e a mãe só viviam de sorvetes e doces

O locutor 2 aceita o enunciador E1, questiona o enunciador E3, e assume o ponto de vista do enunciador E2.

Nota-se que o questionamento do locutor 2 em relação ao enunciador E3 está ligado ao fato de o menino não entender como é possível viver só de sorvetes e doces, como se vê nos encadeamentos abaixo:

o dinheiro só dá para comprar sorvetes e doces DC não entendo como meus pais viviam só de sorvetes e doces.

Percebemos, então, que esse encadeamento embasa, também, a construção dos próximos encadeamentos, em que o encadeamento normativo mostra que o locutor 2 não compreende que o dinheiro perdeu valor:

- mesma quantia de dinheiro DC mesmo valor

- mesma quantia de dinheiro PT neg mesmo valor

Assim, o locutor 2 assume o aspecto normativo do bloco, uma vez que considera que aquele dinheiro só compra sorvetes e doces, tanto hoje quanto antigamente.

Relacionando os discursos do locutor 1 com o do locutor 2 temos a formação dos encadeamentos :

- mesma quantia de dinheiro, mesmo valor DC mesmas compras

- mesma quantia de dinheiro, neg mesmo valor DC neg mesmas compras

em que os aspectos aparecem de forma recíproca e são assumidos de maneiras diferentes pelo locutor 1 e pelo locutor 2: o locutor 2 apresenta o seu ponto de vista de modo a se identificar com o primeiro aspecto normativo e o locutor 1 apresenta o seu ponto de vista de modo a concordar com o segundo aspecto normativo do mesmo bloco.

2.2.4 Análise 4



Nesta tira de Chris Browne, temos Helga e sua filha Honi conversando sobre um rapaz que passa por ali. Helga questiona Honi sobre quem é o rapaz e faz isso apresentando a sua opinião sobre ele: é gordão e horroroso. Honi responde a Helga dizendo que aquele é o príncipe herdeiro, filho mais velho do rei. A partir dessa resposta, Helga reformula a sua opinião sobre o rapaz, dizendo que ele não é tão feio.

Para analisar a tira, optamos por ver nela duas etapas: primeiro a avaliação feita pelo locutor 1 (Helga), sobre o rapaz, e, depois, a reformulação de sua avaliação apresentada no segundo quadrinho.

No primeiro quadrinho, temos o seguinte enunciado:

Quem é esse gordão horroroso? (locutor 1 – Helga)

Para analisá-lo, tomamos como ponto de partida as argumentações internas (AI) lexicais, com o intuito de chegar à argumentação interna (AI) do enunciado:

AI de gordão: muito acima do peso DC desleixado.

AI de horroroso: desleixado DC feio demais

AI de gordão horroroso: muito acima do peso e desleixado DC feio demais

Seguindo, apontamos os seguintes enunciadores:

E1 O rapaz está acima do peso

E2 Quem não se cuida e fica acima do peso é desleixado

E3 Ser desleixado é ser feio demais

E4 Quem é feio demais se torna desprezível

Da relação entre esses enunciadores, deriva a posição do locutor 1 perante o rapaz: ele concorda com E1, E2 e se identifica com E3, E4.

Então, formalizando o ponto de vista do locutor 1, temos:

desleixado DC desprezível.

Ainda no primeiro quadrinho, temos o enunciado do locutor 2 em resposta ao questionamento do locutor 1:

É o príncipe herdeiro... O filho mais velho do rei. (locutor 2 – Honi)

Esses enunciados também podem ser analisados a partir de suas AI lexicais e, em seguida, pelas AI de cada enunciado:

1. *Príncipe herdeiro*

AI de príncipe: pessoa nobre DC socialmente importante

AI de herdeiro: ser filho do rei DC herdar dinheiro e poder

AI do enunciado *Príncipe herdeiro*: pessoa nobre DC herança de dinheiro e poder

2. *O filho mais velho do rei*

AI de filho mais velho: primogênito DC privilégio de herança

AI de filho do rei: descendente de soberano DC nobre

AI do enunciado *O filho mais velho do rei*: primogênito de família real DC sucessor da soberania paterna.

De acordo com esse enunciado, e com as suas argumentações internas, foram levantados os seguintes enunciadores:

E1 O rapaz é o príncipe herdeiro

E2 O rapaz receberá herança de dinheiro

E3 O rapaz é o filho mais velho do rei

E4 O rapaz é o sucessor do rei

E5 O rapaz herdará a soberania do pai

E6 O rapaz receberá herança de dinheiro e poder

os quais auxiliam a compreensão do ponto de vista do locutor 1: ele reconhece E1,E2,E3,E4, E5 e assume o ponto de vista expresso por E6.

A partir dessa relação entre as argumentações internas, e entre enunciadores, temos uma inversão na avaliação do locutor 1, em relação ao rapaz, apresentada pelo seu segundo enunciado (segundo quadrinho):

Até que ele não é tão feio assim. (locutor 2 – Honi)

Desse enunciado, podemos retirar os seguintes enunciadores:

E1 Ele é muito feio

E2 Ele é muito feio mas tem poder e posses

E3 Quem tem poder e posses não é feio

E4 Ele é feio mas não muito

em que o locutor 1 concorda com os enunciadores E1, E2 e assume o ponto de vista expresso pelos enunciadores E3 e E4, o qual pode ser formalizado pelo seguinte encadeamento:

- **ter poder e ter posses DC não ser muito feio**

Percebemos, a partir desse encadeamento, que a gradualidade se faz presente no discurso do locutor 1, uma vez que ela relaciona o grau de beleza (neste caso ser feio) ao fato do rapaz ser bem-sucedido hereditariamente (neste caso, ser filho do rei). Assim, podemos relacionar essa gradualidade a *Quanto mais dinheiro, menos feio*, como nos mostra a relação entre os seguintes encadeamentos:

- **gordão horroroso DC feio demais**
- **feio demais DC desprezível**
- **filho do rei DC herdeiro de poder**
- **herdeiro do rei DC recebedor de posses**
- **filho herdeiro DC descendente de poder e recebedor de posses**
- **poderoso e rico DC importante socialmente**
- **importante socialmente DC não muito feio.**

A partir dessa relação entre encadeamentos, percebemos a visão favorável, sobre o rapaz, que o locutor 1 apresenta num momento posterior ao primeiro, no qual ele não sabia das “qualidades” do rapaz. Isso pode ser apresentado pelos seguintes encadeamentos:

- neg ter poder nem posses DC ser horroroso

- ter poder e ter posses DC neg ser muito horroroso

Observamos que o bloco semântico acima corresponde a *Quem tem dinheiro e posses não é muito feio* e é constituído por dois aspectos normativos. Dada a relação entre aspecto físico e importância social, o locutor 1 assume o segundo aspecto normativo do bloco:

ter poder e ter posses DC neg ser muito horroroso

2.2.5 ANÁLISE 5



A tira de Dik Browne apresenta Helga e sua filha Honi consultando uma vidente. Honi quer saber o segredo para um casamento perfeito. A vidente, então, dá algumas dicas a Honi. Helga fica escutando até a última palavra da vidente e resume o que foi dito como: *Case com um homem morto*.

Nesta tira temos três locutores: Honi (1), Vidente (2), Helga (3). A análise procederá a partir do discurso de cada um desses locutores.

- Locutor 1 (Honi)

Qual é o segredo para um casamento perfeito?

A partir desse enunciado são apontados os seguintes enunciadores:

E1 Honi quer se casar

E2 Honi acredita que exista um segredo para um casamento perfeito

E3 Honi quer saber como se faz um casamento perfeito

E4 Honi quer um casamento perfeito

em que o locutor 1 concorda com os enunciadores E1, E4 e se identifica com os enunciadores E2, E3, como podemos ver formalizando o encadeamento:

Honi acredita que exista um segredo para um casamento perfeito DC quer saber o segredo.

A partir do ponto de vista assumido pelo locutor 1, construímos os seguintes encadeamentos:

- **quer conhecer segredo DC quer fazer casamento perfeito**
- **não quer conhecer segredo PT quer fazer um casamento perfeito**

em que o locutor 1 se identifica com o aspecto normativo do bloco semântico, ou seja, ela quer um casamento perfeito, portanto quer conhecer o segredo.

- Locutor 2 (vidente)

Case com um homem que não coma muito, não beba ou jogue, nem fique na rua até tarde ou faça bagunça na casa. E terá um casamento perfeito.

Enunciadores:

E1 Existem condições para um casamento perfeito

E2 Existem diferentes tipos de homens

E3 São muitas as condições para um casamento perfeito

E4 Homens que não comem muito, não bebem, não jogam, não ficam na rua até tarde, não fazem bagunça na casa são essenciais para um casamento perfeito.

E5 Homens que comem muito, bebem, jogam, ficam na rua até tarde, fazem bagunça na casa tornam os casamentos imperfeitos

E6 Existem tipos de homens que preenchem essas condições

E7 Existem homens que tornam os casamentos perfeitos

E8 Existem homens que tornam os casamentos imperfeitos

O locutor 2 reconhece os enunciadores E1, E2, E3, E5, E6, E7, E8 e assume o enunciador E4, como podemos verificar através do encadeamento que expressa o ponto de vista assumido pelo locutor:

neg {comer muito, beber, jogar, ficar na rua até tarde, fazer bagunça na casa} DC casamento perfeito

- Locutor 3 (Helga)

Case com um homem morto.

Vejamos os enunciadores que surgem a partir deste enunciado:

E1 Homens que comem muito, bebem, jogam, ficam na rua até tarde, fazem bagunça na casa existem.

E2 Homens que não comem muito, não bebem, não jogam, não ficam na rua até tarde, não fazem bagunça na casa não existem

E3 Casamentos perfeitos não existem

Observamos que a posição de Helga perante esses enunciadores é: concordância com E1, E3 e identificação com E2. Seu ponto de vista corresponde ao aspecto normativo do primeiro encadeamento:

- homens que não comem muito, não bebem, não jogam, não ficam na rua até tarde, não fazem bagunça na casa DC impossível (neg possível) de existir

- homens que comem muito, bebem, jogam, ficam na rua até tarde, fazem bagunça na casa DC possível de existir

A relação entre os encadeamentos abaixo permite que seja apresentada a conclusão da tira, apontada pelo locutor 3:

- existem segredos para um casamento perfeito DC é preciso conhecer segredos

- conhecer segredos DC fazer um casamento perfeito

- homens que não comem muito, não bebem, não jogam, não ficam na rua até tarde, não fazem bagunça na casa DC ideais para um casamento perfeito

- homens que não comem muito, não bebem, não jogam, não ficam na rua até tarde, não fazem bagunça na casa DC neg existir

Conclusão da tira: **neg existir homens que não comem muito, não bebem, não jogam, não ficam na rua até tarde, não fazem bagunça na casa DC neg existir casamento perfeito.**

2.2.6 Análise 6



Nesta tira de Browne, Zezé conversa com a sua mãe sobre a arrumação do seu quarto. A mãe gosta de ver o quarto do filho arrumado e ele diz a ela que, quando o quarto está arrumado, não tem coragem de convidar os amigos para visitá-lo.

A análise procederá de maneira a analisar o discurso dos dois locutores presentes na tira: locutor 1 (Zezé) e locutor 2 (mãe).

- Primeiro quadrinho

Arrumei o meu quarto! Está satisfeita agora? (Zezé)

Enunciadores:

E1 O quarto estava bagunçado

E2 O quarto precisava ser arrumado

E3 A mãe queria que o menino arrumasse o quarto

E4 O menino não arrumava o quarto

E5 Agora o menino arrumou o quarto

E6 A mãe ficou satisfeita com a arrumação do quarto

O locutor 1 aceita os enunciadores E1, E3, E4, E6 rejeita E2 e assume o enunciador E5. Já o locutor 2 concorda com os enunciadores E1, E2, E3, E4 e se identifica com os enunciadores E5 e E6. Percebemos isso ao observarmos os seguintes encadeamentos:

- O quarto está bagunçado DC precisa ser arrumado
- O quarto está bagunçado PT não precisa ser arrumado

em que o locutor 1 assume o aspecto transgressivo do bloco semântico (*quando o quarto está bagunçado precisa ser arrumado*) e o locutor 2 assume o aspecto normativo do mesmo bloco.

Observamos que temos, no questionamento do locutor 1 ao locutor 2, a presença da expressão lingüística *agora*, a qual auxilia para a compreensão do momento em que o questionamento foi enunciado.

Neste mesmo enunciado (*Está satisfeita agora?*) percebemos uma polifonia presente na relação entre as palavras do enunciado, que nos dão pistas de que antes o locutor 2 não estava satisfeito com a bagunça do quarto.

Podemos ver os dois momentos que representam a atitude do locutor 2 a partir dos encadeamentos abaixo:

- antes, quarto bagunçado DC neg satisfação

- agora, quarto arrumado DC satisfação

Passamos à continuação do discurso do menino: *Mas agora não tenho mais coragem de convidar meus amigos.*

Enunciadores:

E1 O quarto estava bagunçado

E2 O quarto precisava ser arrumado

E3 A mãe queria que o menino arrumasse o quarto

E4 A mãe ficou satisfeita com a arrumação do quarto

E5 O menino não ficou satisfeito com a arrumação do quarto

E6 O menino não gosta de quarto arrumado

E7 Os amigos não gostam de quarto arrumado

E8 O menino não quer mais convidar os amigos

O locutor 1 concorda com os enunciadores E1, E3, E4, E6, E7 rejeita o E2 e assume os enunciadores E5, E8. Formalizando o ponto de vista do menino, temos o seguinte encadeamento:

quarto arrumado PT neg visitas de amigos

Do qual podemos apontar que o menino se identifica com o aspecto transgressivo. Percebemos que essa transgressão aparece no discurso do locutor 1 através do articulador *mas*, como vemos a seguir:

a mãe gosta do quarto arrumado **mas** o menino não gosta

Para finalizar, apontamos para o fato de que há nos discursos de L1 e de L2 dois blocos contrários que podem ser expressos pelos encadeamentos:

quarto arrumado DC visitas de amigos (locutor 2)

quarto arrumado DC neg visitas de amigos (locutor1)

2.2.7 Análise 7



A tira de Chris Browne mostra Hagar e um médico. O médico dá indicações a Hagar sobre umas pílulas para emagrecer, aconselha que ele as tome, mas alerta de que as pílulas não podem ser tomadas de estômago vazio. Antes de tomá-las, ele tem de fazer uma boa refeição.

Nesta tira, temos apenas um locutor, o médico. Sendo assim, a análise da argumentação procederá com base no discurso do médico.

- Primeiro quadrinho

Tome estas pílulas para emagrecer. Mas nunca as tome de estômago vazio!

Optamos por segmentar o discurso do locutor a partir de seus enunciados para que possamos construir a argumentação através de enunciadores e de encadeamentos argumentativos.

1. *Tome estas pílulas para emagrecer*

Desse enunciado, levantamos os seguintes enunciadores:

E1 Hagar precisa emagrecer

E2 Hagar procurou um médico para emagrecer

E3 O médico receitou a HAGAR pílulas para emagrecer

E4 Para Hagar emagrecer ele deve tomar pílulas

em que o locutor reconhece os enunciadores E1, E2, E3 e assume o ponto de vista expresso pelo enunciador E4, conforme vemos no encadeamento abaixo:

emagrecer DC tomar pílulas

Em seguida, temos a continuação do discurso do médico:

2. Mas nunca as tome de estômago vazio!

Enunciadores:

E1 Quando se quer emagrecer não se come

E2 Quando se quer emagrecer se toma pílulas

E3 Não se toma pílulas de estômago vazio

em que o locutor concorda com E2, rejeita E1 e assume o ponto de vista do enunciador E3. Então, a partir da relação entre enunciadores, temos:

tomar as pílulas para emagrecer *MAS* não tomar as pílulas de estômago vazio

Esse enunciado evidencia a presença do articulador *mas*, no enunciado, como marcador de uma restrição: deve-se tomar pílulas para emagrecer **mas** não se deve tomá-las de estômago vazio.

Observamos que a presença desse articulador também está marcada na continuação do discurso do médico, transgredindo, agora, a idéia de emagrecer.

Para demonstrarmos isso, partimos da AI de emagrecer:

AI de emagrecer: não comer DC perder peso

a partir da qual podemos construir os seguintes encadeamentos:

não comer DC emagrecer

comer PT emagrecer

percebemos que o articulador *mas* está relacionado ao aspecto transgressivo do bloco *Quando se quer emagrecer não se deve comer*.

Ao continuar o seu discurso, o médico reforça a oposição apresentada pelo *mas*, uma vez que enuncia:

Antes coma uma boa refeição

Do qual podemos apontar os seguintes enunciadores:

E1 Hagar quer emagrecer

E2 Hagar vai tomar pílulas para emagrecer

E3 Hagar não pode tomar as pílulas com o estômago vazio

E4 Hagar tem que comer antes de tomar as pílulas

E5 Hagar deve comer muito antes de tomar as pílulas

em que o locutor reconhece os enunciadores E1,E2,E3,E4 e assume como seu o ponto de vista do E5, como podemos ver no seguinte encadeamento:

fazer uma boa refeição DC comer muito

Nota-se que esse encadeamento se contrapõe à idéia de emagrecer, apresentada anteriormente, o que nos leva a pensar num outro encadeamento:

querer emagrecer DC não comer muito

querer emagrecer PT comer muito

Ao relacionarmos esses encadeamentos, aos construídos durante a análise, teremos o ponto de vista do locutor expresso por:

tomar pílulas para emagrecer *mas* comer muito antes de tomar as pílulas

2.2.8 Análise 8



Na tira de Maurício de Souza, temos o Cascão deitado numa cama e sendo examinado por um médico. Ao dar o diagnóstico, o médico diz a Cascão que ele está com sarampo e avisa que, por isso, não pode tomar banho. Cascão ouve a recomendação do médico e considera o fato de não poder tomar banho uma boa notícia.

- Primeiro quadrinho

“Está com sarampo! Não pode tomar banho!” (locutor 1 – médico)

A partir do discurso do locutor 1, construímos os seguintes enunciadores:

- E1 Cascão está doente
- E2 Cascão está com sarampo
- E3 Quando se está com sarampo não se pode tomar banho
- E4 Cascão não pode tomar banho

em que o locutor 1 reconhece E1 e assume E2, E3, E4.

A partir desses enunciadores, construímos os seguintes encadeamentos:

- **estar com sarampo DC não tomar banho**

- estar sarampo PT tomar banho

O locutor 1 se identifica, então, com o aspecto normativo do bloco e recusa o aspecto transgressivo, assumindo essa posição como forma de pretensão à melhora de Cascão.

- Segundo quadrinho

“Finalmente uma notícia boa” (locutor 2 – Cascão)

Percebemos que o discurso do locutor 2 está relacionado ao discurso do locutor 1 que transmite duas notícias ao locutor 2:

1. Está com sarampo;
2. Não pode tomar banho.

Em relação a essas notícias, o locutor 2 coloca em seu discurso os enunciadores:

- Notícia 1: Está com sarampo

E1 Sarampo é uma doença.

E2 Quem tem sarampo precisa repousar

E3 Quem precisa repousar está impossibilitado de fazer algumas coisas

E4 Estar impossibilitado de fazer algumas coisas é ruim

E5 Estar doente com sarampo é ruim

O locutor 2 concorda com os enunciadores E1, E2, E3 e se identifica com os enunciadores E4, E5.

A partir dessa relação entre locutor e enunciadores, temos o seguinte encadeamento:

estar com sarampo DC notícia ruim

em que o locutor 2 se identifica com o aspecto normativo do bloco, apresentando o seu ponto de vista em relação à primeira notícia dada pelo médico: é uma notícia ruim.

- Notícia 2: Não pode tomar banho.

Dessa segunda notícia levantamos os seguintes enunciadores:

E1 Cascão está com sarampo

E2 Cascão não pode tomar banho

E3 Não tomar banho é bom

em que o locutor 2 concorda com E1, E2 e se identifica com E3.

Para mostrar a posição do locutor 2 perante essa segunda notícia dada pelo médico, apresentamos os seguintes encadeamentos:

- não poder tomar banho DC notícia ruim

- não poder tomar banho PT notícia boa

em que podemos afirmar que o locutor 2 assume o aspecto transgressivo, concluindo que a notícia de não poder tomar banho é uma notícia boa.

Ao analisarmos o discurso do locutor 2, percebemos que há uma polifonia presente nesse discurso. Essa polifonia centraliza-se na expressão *finalmente* enunciada por ele: *“Finalmente uma notícia boa!”*, como mostramos a partir dos seguintes enunciadores :

E1- Estar com sarampo é estar doente

E2- Estar doente significa ter de fazer repouso

E3- Fazer repouso impossibilita de fazer algumas coisas

E4- Impossibilidade de fazer algumas coisas inclui não poder tomar banho

E5- Estar doente é ruim

E6- Estar com sarampo é ruim

E7- Fazer repouso é ruim

E8- Estar impossibilitado de fazer algumas coisas é ruim

E9- Estar impossibilitado de tomar banho é bom.

Observamos que a relação entre os enunciadores se dá de maneira que E1, E2, E3 encaminham para os enunciadores E5, E6, E7, E8 e E4 encaminha para o enunciador E9.

Assim, o sentido polifônico que *finalmente* assume nesse discurso é expresso por E9 (notícia boa) em contraste com E5, E6, E7, E8 (notícias ruins). Isso aponta para o ponto de vista do locutor 2: *depois de muitas notícias ruins, finalmente uma é boa.*

2.2.9 Análise 9



Nesta tira de Chris Browne, temos os personagens Hagar e Helga conversando. Hagar chega em casa e pergunta a Helga sobre o que há para o jantar. Helga responde a Hagar com uma outra pergunta: se ele sabe há quantas horas está atrasado e ele responde que não. Helga então avisa a ele que está fazendo o café da manhã.

- Primeiro quadrinho

Cheguei Helga! Qual é o jantar? (locutor 1 - Hagar)

Considerando esse discurso do locutor 1, chegamos aos seguintes enunciadores:

- E1 Hagar está chegando em casa
- E2 Hagar está com fome
- E3 Hagar pensa que é hora de jantar
- E4 Hagar quer jantar
- E5 Hagar quer saber o que tem para o jantar

O locutor 1 reconhece os enunciadores E1, E2, E3, E4 e assume o ponto de vista expresso pelo enunciador E5, que pode ser formalizado pelo encadeamento:

Hagar não sabe o que tem para jantar DC pergunta

Ainda no primeiro quadrinho, temos a resposta do locutor 2 em relação à pergunta do locutor 1:

Você sabe quantas horas está atrasado? (locutor 2 - Helga)

A pergunta que o locutor 2 faz ao locutor 1 sobre quantas horas ele está atrasado leva aos seguintes enunciadores:

E1 Hagar se atrasou para o jantar

E2 Hagar não sabe que se atrasou para o jantar

E3 Já passou da hora do jantar

E4 Helga afirma que Hagar chegou tarde para o jantar

E5 Helga não está satisfeita com o comportamento de Hagar

O locutor 2 concorda com os enunciadores E1, E2, E3 e assume o ponto de vista expresso pelos enunciadores E4, E5. Percebemos que esses pontos de vista assumidos pelo locutor 2 apontam para uma crítica em relação à atitude do locutor 1 e o que parece ser inicialmente uma pergunta (*Você sabe a quantas horas está atrasado?*), acaba por se revelar uma afirmação.

Assim, observamos a expressão lingüística *quantas horas* que aponta para a crítica do locutor 2: *Hagar está muito atrasado*. Além disso, ao introduzir a pergunta pela expressão lingüística *Você sabe?*, o locutor 2 reforça a sua crítica apontando para o fato de que *além do locutor 1 estar muito atrasado, ele está perdido no tempo, ou seja, ele nem sabe que horas já são*.

- Segundo quadrinho

Não... Por quê? (locutor 1 – Hagar)

Quanto a esse discurso do locutor 1, apontamos os seguintes enunciadores:

E1 Hagar não sabe que horas são

E2 Hagar não sabe que está atrasado

E3 Hagar não sabe quantas horas está atrasado

E4 Hagar quer saber por que Helga lhe fez aquela pergunta

em que o locutor 1, além de reconhecer, assume todos os pontos de vista expressos pelos enunciadores acima.

A pergunta do locutor 1 (*Por quê?*) confirma a afirmação do locutor 2: ele não sabe que está atrasado e perdido no tempo.

Outra observação em relação ao discurso do locutor 1 está relacionada também à resposta do locutor 1 ao questionamento do locutor 2. O locutor 1 deveria responder ao locutor 2 utilizando a argumentação como defesa, no entanto ele não percebe que a pergunta do locutor 2 é uma crítica e acaba por responder apenas de maneira informativa.

Em relação à continuação do discurso do locutor 2: *Estou fazendo o café da manhã* (locutor 2 – Helga), temos os seguintes enunciadores:

E1 Hagar quer saber o que Helga preparou para o jantar

E2 Helga não está preparando o jantar

E3 Já passou da hora de jantar

E4 Hagar chegou depois do jantar

E5 Helga está preparando o café da manhã

E6 Hagar está muito atrasado

O locutor 2 concorda com os enunciadores E1, E2, E3, E4, e se identifica com os enunciadores E5 e E6, como podemos ver através dos seguintes encadeamentos, que representam dois aspectos recíprocos do mesmo bloco:

- é hora do café da manhã DC Hagar está muito atrasado para o jantar

- não é hora do café da manhã DC Hagar não está muito atrasado para o jantar

Ao assumir o primeiro aspecto normativo do bloco, o locutor 2 aponta para a conclusão da tira, como podemos ver pelos seguintes encadeamentos:

- Helga está fazendo o café da manhã DC Hagar está atrasado muitas horas para o jantar

- É hora do café da manhã DC o jantar já passou

- É hora do café da manhã DC está perdido no tempo

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este trabalho teve com objetivo observar como a argumentação se constrói em tiras.

Todas as análises foram realizadas à luz da Teoria da Argumentação da Língua (TAL), dando maior ênfase aos conceitos do seu terceiro e atual momento: a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Os conceitos fundamentais utilizados nas análises efetivaram a sua aplicabilidade na construção de sentido no discurso, daí acreditamos que a teoria pode fornecer subsídios para tal estudo.

Em relação ao nosso objetivo, podemos afirmar, com base nas análises, que as tiras são textos abundantes em argumentação e que a construção do sentido dessas ocorre sempre de acordo com princípios argumentativos, ou seja, de acordo com a relação entre discursos por meio de conectores, articuladores, marcas polifônicas, os quais permitiram uma melhor compreensão das tiras.

No que se refere aos conectores, apontamos para o fato de que Ducrot (1988) apresenta, no segundo momento da Teoria da Argumentação na Língua, a idéia de que só o conector DC é argumentativo. Carel (2002) institui que o conector PT também é argumentativo, sendo DC o aspecto normativo e PT o aspecto transgressivo. Os conectores DC e PT auxiliaram em todas as nossas análises, e, em concordância com Carel, acreditamos que ambos foram de grande importância para a construção argumentativa do sentido nas tiras.

Como exemplo de articuladores, citamos o uso do *mas* que encontramos na análise 6. Esse *mas*, mostrou ser relevante na argumentação, uma vez que, ao indicar o ponto de vista do locutor, propiciou uma orientação argumentativa na articulação entre os discursos e nos fez compreender que a relação entre enunciados também é fundamental para a construção do sentido.

Observando a polifonia presente nas tiras, reconhecemos a visão de Ducrot (1988): o locutor nunca se expressa diretamente, mas por meio de personagens (enunciadores) que ele põe em cena. O sentido argumentativo do enunciado nasce da confrontação do locutor e dos enunciadores. A análise baseada na polifonia serviu para a compreensão de enunciados argumentativos como, por exemplo, na análise 8 em que o léxico *finalmente* nos levou a apontar nove enunciadores para chegarmos ao sentido que ele estava expressando naquele discurso. Já na análise 9, a polifonia se marcou pelo uso da expressão lingüística *quantas horas* que, através da relação entre encadeamentos, encaminhou para a conclusão *muitas horas*.

Ainda no que diz respeito à polifonia, lembramos que Ducrot a estudou no segundo momento de sua teoria argumentativa. Nessa fase, a polifonia era vista apenas pela relação entre locutor e enunciadores, ou seja, no nível dos enunciados. Apontamos para o fato de que a TAL ainda está em desenvolvimento e que, no terceiro e atual momento, a polifonia vem sendo investigada, o que não impede que a apliquemos nas análises de discursos, vendo-a pela relação entre aspectos de um mesmo bloco ou de blocos distintos. Isso possibilita dizer que, também pela Teoria dos Blocos Semânticos, a relação entre discursos é fundamental para a construção de sentido.

Como já foi mencionado neste trabalho, as tiras são muito utilizadas por associarem texto e imagem, motivando a leitura e a criatividade dos alunos. Entretanto, alertamos para o fato de que texto e imagem devem ser abordados de maneira a levar os alunos a refletirem sobre a sua relação. Em uma das análises aqui apresentadas, a análise 2, se destacou no que diz respeito a essa relação. Seguindo os conceitos teóricos, percebemos uma ligação entre palavra e imagem em que partimos da expressão lingüística *rico* para buscar na imagem a confirmação de sua utilização. Note-se que a imagem acrescentou sentido ao discurso, na medida em que as palavras não forneciam todas as indicações necessárias para a compreensão do sentido. Nesses casos, de fato, o recurso ao contexto tornou-se indispensável, mas a busca partiu da própria linguagem: foi ela que apontou para o que era necessário procurar no contexto. Ou seja, como diz Ducrot (1996, p. 4) a construção contextual do sentido do discurso é *dirigida pelo valor propriamente*

lingüístico das palavras que se deve interpretar. É nesse sentido que é possível afirmar que o contextual e o lingüístico se tornam inseparáveis. Em outras palavras, o que as circunstâncias acrescentam do sentido estrito das palavras *está inscrito em filigrama na própria estrutura lingüística* (Ducrot, 1996, p.6). Essa estrutura aponta para a necessidade de recorrer ao contexto e indica como fazê-lo. Por que, como mostra Ducrot (1996), pela proposta da TAL, o contexto no qual o discurso deve ser interpretado não preexiste à palavra. Ao contrário, é a própria palavra que cria o contexto utilizável para a interpretação do discurso. É assim que palavra e contexto não se separam nunca.

Outra observação relevante neste trabalho refere-se à análise 9 em que o locutor 1(Hagar) responde (*Não... Por quê?*) ao questionamento do locutor 2 (Helga: *Você sabe a quantas horas está atrasado?*). Lembramos que, pelos conceitos teóricos aqui explanados, a linguagem na TAL tem função essencialmente argumentativa, servindo para influenciar e convencer o outro através da relação entre argumentos e conclusões. Apontamos para o fato de que essa função foi efetivada apenas pelo discurso do locutor 2, uma vez que o locutor 1 não percebeu a crítica inserida no questionamento do locutor 2, mostrando, através de sua resposta, ver a linguagem apenas como fonte de informação.

A partir dos apontamentos acima, salientamos a importância do conhecimento da TAL por parte dos professores de Língua Portuguesa. Como o texto é o centro de referência dos estudos nessa disciplina, é preciso que os professores tenham consciência de que ele não serve apenas como pretexto para classificação de aspectos gramaticais. Faz-se necessário, então, uma revisão de metodologias, passando a incluir nelas o trabalho com o funcionamento da linguagem.

Enfim, para nos tornarmos bons profissionais nessa área, devemos atentar para a importância do estudo da linguagem em uso como processo de interação em diferentes contextos, o qual possibilita uma melhor compreensão do sentido construído no discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teoria da Argumentação na Língua (TAL) teve como mentores Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre. Após alguns anos, Anscombre deixou de estudar a teoria e Ducrot passou a receber contribuições da lingüista Marion Carel. O desenvolvimento da teoria divide-se em três momentos: o primeiro, a forma *standard*, iniciou os estudos argumentativos e cedeu espaço ao segundo momento, a Teoria Polifônica e a Teoria dos *Topoi*, esse, por sua vez, abriu caminhos para o terceiro e atual momento, a Teoria dos Blocos Semânticos.

Como podemos ver, a TAL é uma teoria que ainda está em pleno desenvolvimento, no entanto, os conceitos de base acompanham a teoria desde os seus primórdios em 1983 até os dias de hoje. Os estudos de Ducrot e de Carel desenvolvidos pela TBS (1992), embasaram esta pesquisa e contribuíram para a compreensão do funcionamento do discurso apresentado nas tiras.

Apesar da TAL não ter se ocupado, até o momento, de discursos, seus autores não descartam essa possibilidade, já que a teoria ainda está sendo estudada. Isso nos permitiu realizar este trabalho e, também, confirmar, através da metodologia utilizada nas análises, a possível aplicação de seus conceitos para a compreensão do sentido no discurso.

Escolhemos analisar o discurso do gênero tiras devido à sua grande utilização tanto em materiais didáticos quanto nas escolas. Observamos que o trabalho realizado com esse gênero, na maioria dos livros didáticos, contempla apenas abordagens gramaticais e se preocupa mais com o sistema da língua do que com o seu uso, deixando de lado o sentido. Ao verificarmos a inexistência de trabalhos com tiras que investiguem o sentido a partir da própria linguagem, optamos por mostrar uma nova abordagem, enfatizando que a linguagem é feita para argumentar e não apenas para informar.

Deixamos claro que não estamos “condenando” ou desqualificando os estudos gramaticais realizados com as tiras. Estamos apontando para o fato de que

a língua não se resume a apenas classificações (Vergueiro, 2005, p.65), é necessário que se faça um trabalho em conjunto. Precisamos ter consciência de que o ensino da Língua Portuguesa deve ser mais amplo, contemplando não só aspectos gramaticais, mas também o funcionamento desses aspectos no discurso.

Para tanto, é preciso que o professor esteja aberto às diversas possibilidades que a língua oferece. Cabe a ele buscar um embasamento teórico que propicie a realização desse trabalho em conjunto. Por isso, enfatizamos a importante tarefa dos professores em trabalhar com diversos gêneros e, mais ainda, de conhecer e estudar a TAL para uma possível transposição didática.

Acreditamos que as tiras podem constituir um interessante recurso didático, uma vez que podem ser consideradas ao mesmo tempo, simples e complexas. Simples por serem textos curtos, que atraem os seus leitores pela maneira clara e divertida como a linguagem é apresentada nas suas histórias; complexas por conterem, em suas entrelinhas, muitos recursos lingüísticos que auxiliam a construir a sua argumentação e que possibilitam uma maior reflexão sobre o funcionamento da linguagem.

Além disso, as tiras pouco necessitam de contexto, ou seja, o sentido é construído pelas palavras. Isso é confirmado pelas nossas análises em que apenas uma das tiras analisadas (análise 2) precisou recorrer ao contexto. E, mesmo quando isso aconteceu, fizemos um percurso partindo do lingüístico para chegar ao contexto e, a partir daí, construirmos o sentido da tira.

Nossa expectativa, então, é a de ter, com esta pesquisa, enfatizado a idéia de que para compreendermos o sentido do discurso é preciso que sigamos as pistas indicadas por ele, considerando que o sentido é construído no seu próprio interior e não fora dele.

Sabemos que a proposta de análise aqui realizada representa apenas uma pequena amostra do vasto potencial que a linguagem possibilita. Deixamos, então, o caminho aberto para a realização de outras pesquisas que contemplem o estudo da linguagem e do sentido nos quadrinhos.

Uma das pesquisas que poderia dar continuidade a esta dissertação diz respeito a fazer um estudo comparativo de tiras com outros do mesmo gênero (histórias em quadrinhos e charges) com o intuito de avaliar a construção da argumentação. Outra possível sugestão para pesquisa é a de analisar outras tiras com o objetivo de encontrar outras formas de estratégias argumentativas. Além disso, uma pesquisa que analisasse como estudar o humor produzido pela linguagem seria também uma possível continuação para esta dissertação.

Percebemos, então, que o tema aqui proposto ainda pode ser objeto de muitos estudos, uma vez que o estudo argumentativo dos discursos ainda é pouco realizado.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Tânia Maris de. **Os conceitos de texto e discurso em três momentos da teoria de Ducrot**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 37, set/2002, p. 123-134.

AZEVEDO, Tânia Maris de. Azevedo, Tânia Maris de. **Semântica argumentativa: uma possibilidade para a descrição do sentido do discurso**. 2003. 135 f. Tese(Doutorado em Lingüística Aplicada)-Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBISAN, Leci. As raízes da Teoria da Argumentação na Língua. In: **Argumentação na Língua: da pressuposição aos Topoi** / SILVA, Joseli Maria da; ESPÍNDOLA, Lucienne (orgs). João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

_____. **A definição argumentativa do léxico no discurso**. Disponível em < <http://www.congressoaled2005.puc.cl/pdf/leci%20borges.pdf> .> Acesso em 27/02/2006

_____. O conceito de enunciação em Benveniste e Ducrot. In: **Revista de Letras do PPGL da UFSM** (no prelo).

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos chave** / Beth Brait (org). São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1997. 126 p.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999. 4v.

CAREL, Marion. L' argumentation dans lê discours: argumenter n'est pás justifier. **Letras de Hoje**. EDIPUCRS.Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 23-40, mar. 1997.

_____. Argumentação normativa y exceptiva. **Revista Signo & Seña**. Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, junio de 1998 - n.9.

_____. Para un tratamiento argumentativo de la predicación. **Discurso y Sociedad**, 2000, v. 2

_____. O que é argumentar? **Revista de Retórica y Teoría de la Comunicación**. Ano 1, n.1, janeiro de 2001, p.75-80

_____. Argumentação interna aos enunciados. **Letras de Hoje**. EDIPUCRS. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 27-43, set. 2002

CIRNE, Moacy da Costa. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. **Para ler os quadrinhos**: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada. Petrópolis: Vozes, 1972

_____. **A linguagem dos quadrinhos**: o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Souza. Petrópolis: Vozes, 1973.

DUCROT, Oswald. Enunciação. In **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984

_____. Polifonía y Argumentación. **Comferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso**. Universidad del Valle: Cali, 1988.

_____. La pragmatique et l'étude sémantique de la langue. **Letras de Hoje**. EDIPUCRS. Porto Alegre, v.32, p.9-21, março de 2007.

_____. Los modificadores desrealizantes. **Signo & Seña**, n. 9. Buenos Aires, junho de 1998.

_____. Os internalizadores. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, n. 129, setembro de 2002.

_____. Sentido y argumentación. In: **Homenaje a Oswald Ducrot / ARNOUX, Elvira N.; NEGRONI, María Marta García**. Buenos Aires: Eudelba, 2004.

MATSUMURA, Sandra. **O resumo à luz da teoria polifônica da enunciação**. 2003. 154 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada)-Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

MAURER, Karen Luciana. **Aposto: uma forma de argumentação**. 2005. 103 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada)-Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: **Gêneros textuais e ensino** / Dionísio, Ângela Paiva; Machado, Anna Rachel; Bezerra, Maria Auxiliadora(orgs). 2 ed. Rio de Janeiro:Lucerna, 2003.

RYPL, Mariana Martinez. **A construção do sentido pela substituição lexical no discurso**. 2006. 123 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada)-Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

SANTOS, Noemi Luciane dos. **A polifonia no movimento argumentativo do discurso**. 2005. 155 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada)-Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

SILVEIRA, Maria Izabel da. **Teoria da argumentação na língua : uma perspectiva de aplicação ao ensino**. 2004. 205 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada)-Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix,1970.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQS no ensino. In: **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula** / Alexandre Barbosa, Paulo Ramos, Túlio Vilela; Ângela Rama, Waldomiro Vergueiro (orgs) 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. – (Coleção Como usar na sala de aula).

ANEXOS

ANEXO A – CURRICULO LATTES

CURRICULUM VITAE

Março/2007

DADOS PESSOAIS

Nome Viviane Sobral Ribas da Rocha
Nascimento 02/06/1974 - Porto Alegre/RS - Brasil
CPF 62506978020
Endereço Av Fábio Araújo Santos, 1245 BL 2 apto 414 – Nonoai
Telefones 32413978 / 99125659

FORMAÇÃO ACADÊMICA/TITULAÇÃO

2005 - 2006 Mestrado em Linguística Aplicada.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil
Orientador: Profa Dr. Leci Borges Barbisan

1999 - 2002 Graduação em Licenciatura Plena Em Letras Português.
Centro Universitário Ritter dos Reis, UNIRITTER, Porto Alegre, Brasil

FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

1991 - 1991 Curso de curta duração em Auxiliar de Creche.
Centro Educacional Porto Alegre, CEPOA, Brasil

1991 - 1991 Curso de curta duração em Auxiliar de Pré.
Centro Educacional Porto Alegre, CEPOA, Brasil

1991 - 1991 Curso de curta duração em Recreação.
Centro Educacional Porto Alegre, CEPOA, Brasil

1991 - 1991 Curso de curta duração em Monitoria.
Centro Educacional Porto Alegre, CEPOA, Brasil

1991 - 1991 Curso de curta duração em Baby Sitter.
Centro Educacional Porto Alegre, CEPOA, Brasil

2004 - 2004 Oficina de Redação.
Centro Universitário Ritter dos Reis, UNIRITTER, Porto Alegre, Brasil

2006 - 2006 Curso de curta duração em Subsídios Linguísticos para Form. Prof. Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

1 Instituto da Linguagem - INSTITUTO

Vínculo institucional

2004 - 2004 Vínculo: Celetista , Enquadramento funcional: Professora , Carga horária: 0, Regime : Parcial

Atividades

8/2004 - 12/2004

Outra atividade técnico-científica

Especificação:

1. Corretora de Redações

8/2004 - 12/2004

Outro

:

1. Língua Portuguesa

2 Meta Ead - META

Vínculo institucional

2003 - 2004 Vínculo: Celetista , Enquadramento funcional: Auxiliar Pedagógica II , Carga horária: 0, Regime : Parcial

Atividades

5/2003 - 7/2004

Aperfeiçoamento

:

1. Aplicação e correção de provas e análise de módulos

3 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Vínculo institucional

2005 - Vínculo: Colaborador , Enquadramento funcional: Pesquisador , Carga horária: 0, Regime : Parcial

Atividades

3/2005 - Atual

Pesquisa e Desenvolvimento, Faculdade de Letras, Departamento de Pós-Graduação em Letras

Linhas de Pesquisa:

1. Texto, Enunciação e Discurso: Teoria e Prática

3/2005 – 12/2006

Projetos de pesquisa, Faculdade de Letras, Departamento de Pós-Graduação em Letras

Participação em projetos:

1. Papel Argumentativo da Adjetivação no Discurso

3/2005 - Atual **Projetos de pesquisa**, Faculdade de Letras, Departamento de Pós-Graduação em Letras

Participação em projetos:

1. Subsídios Teóricos e Práticos sobre texto e ensino

LINHAS DE PESQUISA

- 1 Texto, Enunciação e Discurso: Teoria e Prática

PROJETOS

2005 - 2006 Papel Argumentativo da Adjetivação no Discurso

Descrição: Considerando que, por meio desta pesquisa, buscaremos analisar a argumentação produzida pela adjetivação em histórias em quadrinhos e tiras, seguiremos os conceitos teóricos da Teoria dos Blocos Semânticos, centrada na Semântica Argumentativa. Para o desenvolvimento do trabalho, é necessário explicitarmos noções de gênero textual, histórias em quadrinhos, tiras, argumentação e adjetivação.

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (0); Especialização (0); Mestrado acadêmico (2); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (4); Outros (1)

Integrantes: Viviane Sobral Ribas da Rocha, Leci Borges Barbisan (Responsável), Elaine Nogueira da Silva, Elenice Larroza Andersen, Cláudio Primo Delanoy, Cristina Rörig, Joseline Tatiana Both, Mariana Martinez Rypl, Raymundo Olioni, Rejane Flor Machado.

Financiador(es): CNPq

2005 - Atual Subsídios Teóricos e Práticos sobre Texto e Ensino

Descrição: Este projeto visa promover, junto a professores de Língua Portuguesa, um curso de extensão sobre o ensino de leitura e produção de textos nos níveis fundamental e médio. A proposta justifica-se pela necessidade de aprofundar a reflexão sobre teorias enunciativas e textuais, sua aplicação a textos, e pela ênfase dada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais a essa questão. Para o desenvolvimento do curso, serão apresentados alguns conceitos inscritos nas seguintes propostas teóricas: Lingüística Textual (Jean-Michel Adam), Lingüísticas Enunciativas (Émile Benveniste e Oswald Ducrot). Essas teorias servirão de subsídio para a construção de critérios que norteiam a análise de atividades contempladas em livros didáticos, bem como de uma metodologia para leitura e produção de diferentes gêneros textuais.

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (0); Especialização (0); Mestrado acadêmico (2); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (3); Outros (3)

Integrantes: Viviane Sobral Ribas da Rocha, Leci Borges Barbisan (Responsável), Elaine Nogueira da Silva, Elenice Larroza Andersen, Cláudia Redecker Schwabe, Cláudio Primo Delanoy, Cristina Rörig, Joseline Tatiana Both, Mariana Martinez Rypl, Rejane Flor Machado

PRODUÇÃO EM C, T & A

Produção bibliográfica

Demais produções bibliográficas

1. ROCHA, V. S. R., SILVA, Elaine Nogueira da, ANDERSEN, Elenice Maria Larroza, BOTH, Joseline Tatiana, BARBISAN, Leci Borges, MACHADO, Rejane Flor, CREUS, Susana Quintros de **O Papel Argumentativo da Adjetivação no Discurso**, 2005. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

2. ROCHA, V. S. R.
O Papel Argumentativo da Adjetivação no Discurso, 2006. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho)

3. ANDERSEN, Elenice Maria Larroza, ROCHA, V. S. R., BOTH, Joseline Tatiana. **Por uma visão argumentativa da linguagem**, 2006. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho)

4. ROCHA, V. S. R.
Subsídios Teóricos e Práticos sobre Texto e Ensino, 2006. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho)

Eventos

Participação em eventos

1. **V Seminário de Redação de Vestibular da UFRGS Níveis de Avaliação de Textos**, 2006.

V Seminário de Redação de Vestibular da UFRGS Níveis de Avaliação de Textos.

2. **CELSUL**, 2006.

3. **XXIII Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXII Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul**, 2005. (Congresso) XXIII Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXII Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul.

4. **Palestra proferida pela professora e consultora organizacional Myriam Cardorin Dutra**, 2004.

Letras na Administração - Que negócio é este.

5. **Seminário Linguagem, Discurso e Ensino III**, 2004.
Seminário Linguagem, Discurso e Ensino III.

6. **Seminário Linguagem, Discurso e Ensino**, 2002.
Seminário Linguagem, Discurso e Ensino.

7. **Seminário A Literatura pensa o Brasil**, 2001.

Seminário A Literatura pensa o Brasil.

8. Palestra proferida pela Profa. Dra. Merion Campos Borbas, 2000.
A Formação do Professor no Brasil Atual.

9. Palestra proferida pela Profa. Maria Beatriz Weigert, 2000.
Cartas Portuguesa.

10. Palestra proferida pela Profa. Dra. Lúcia Helena, 2000.
Literatura: percursos e percalços.

11. Palestra com o prof. Edurado F. Coutinho (UFRJ), 1999.
A Literatura Comparada.

12. Palestra, 1999. (Outra)
Culturas, Contextos, Discursos: Limiares Críticos no Comparatismo.

13. Palestra com a professora Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre, 1999.
Estudos de Linguagem.

14. Seminário de Avaliação de Redação no Concurso Vestibular, 1999.
Seminário de Avaliação de Redação no Concurso Vestibular.

15. Seminário Repensando o Ensino da Língua Materna, 1999.
Seminário Repensando o Ensino da Língua Materna.

INDICADORES DE PRODUÇÃO

Produção bibliográfica

Apresentações de Trabalhos (Comunicação).....	1
Apresentações de Trabalhos (Conferência ou palestra).....	3

Eventos

Participações em eventos (congresso).....	1
Participações em eventos (seminário).....	6
Participações em eventos (encontro).....	1
Participações em eventos (outra).....	7